5 GATAS SENSACIONAIS
SEM CENSURA

JANINE ◆ NANCY ◆ MIET
VICKI ◆ DEBBIE

BRIZOLA: "A OPOSIÇÃO NÃO ESTÁ PRONTA PARA ASSUMIR O PODER"

PLÍNIO MARCOS FAZ A CRÔNICA DA VIOLÊNCIA PAULISTANA

JUCA CHAVES ESCREVE SOBRE O NARIZ COMO ÓRGÃO SEXUAL

COMPORTAMENTO: UMA REPÓRTER NO MUNDO DAS LÉSBICAS

HUMOR
VAMOS VOLTAR AO PAPAI-MAMÃE

FICÇÃO
UM CONTO DE JOSÉ LOUZEIRO

FORUM
EXPERIÊNCIAS E FANTASIAS ERÓTICAS DOS LEITORES

PROIBIDA A VENDA A MENORES DE 18 ANOS

ANO XII/AGOSTO DE 1980/N.º 135/CR$ 100,00/AMAZONAS, ACRE, AMAPÁ, RONDÔNIA E RORAIMA (VIA AÉREA), CR$ 120,00/PORTUGAL, ESC. 60$00

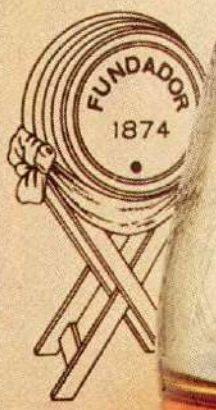
PRAZER E INFORMAÇÃO PARA O HOMEM

ele ela

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO RECORDE: 420.000 EXEMPLARES

AS VIDEIRAS DE JEREZ DE LA FRONTERA JÁ ERAM CONHECIDAS HÁ MAIS DE 3 MIL ANOS ATRÁS, QUANDO ALI SE ESTABELECERAM OS FENÍCIOS, ATRAÍDOS PELA QUALIDADE DAS TERRAS. PRODUTORA DE VINHOS FAMOSOS, CONSAGRADOS NA MESA DE NAPOLEÃO E IMORTALIZADOS NAS OBRAS DE SHAKESPEARE, JEREZ VIU NASCER EM 1730 A CASA PEDRO DOMECQ.

EM POUCOS ANOS A CASA PEDRO DOMECQ SE TRANSFORMOU NUM SÍMBOLO DA REGIÃO, PRODUZINDO VINHOS E CONHAQUES QUE CONQUISTARAM PRESTÍGIO NO MUNDO INTEIRO. AGORA, A TÉCNICA E O APRENDIZADO DE MAIS DE DOIS SÉCULOS ESTÃO NO BRASIL, ONDE, SOB A SUPERVISÃO DA CASA PEDRO DOMECQ, É PRODUZIDO O CONHAQUE DOMECQ, ASSISTIDO E CUIDADO PELOS MESMOS MESTRES QUE TORNARAM FAMOSO O NOME FUNDADOR.



Pedro Domecq

PRODUZIDO E ENGARRAFADO POR PEDRO DOMECQ DO BRASIL S.A. - INDÚSTRIA DE BEBIDAS
RUA JOÃO ADAMI, 222 - CAXIAS DO SUL - RIO GRANDE DO SUL
REG. DO PROD. M.A. N.º 00009407 - C.G.C.M.F. N.º 45.495.405/0001-86 - MARCA REGISTRADA
DISTRIBUIDO POR RON BACARDI S.A. - BRASIL.

Domecq.
Um conhaque com 250 anos nas costas.

Casa Pedro Domecq. Estabelecida desde 1730.

As boas do mês

Juca Chaves

Adelzon Alves

Brizola e Wilson, em Porto Alegre.

José Louzeiro

Plínio Marcos

SENTADOS lado a lado no vôo número 100 no rumo de Porto Alegre, o ex-Governador Leonel Brizola e o repórter Wilson Teixeira Soares iniciavam às dez horas da manhã de sexta-feira, oito de agosto, no Rio, uma convivência que só terminaria na noite do sábado, mais de 36 horas depois, quando o repórter se despediu do político, no apartamento deste no Leblon, e dirigiu-se à redação, para entregar sua matéria na manhã de domingo. Wilson testemunhou na capital gaúcha, e depois em Sapucaia do Sul, o trabalho determinado e objetivo de Brizola para formar o Partido Democrático Trabalhista, lançando mão de seu carisma aparentemente inabalável, mesmo depois de mais de quinze anos de exílio.

DE São Paulo, Plínio Marcos manda a sua *Crônica Paulistana*, onde mostra como é difícil a vida de artista, principalmente dos artistas comprometidos com a promoção e a valorização da cultura popular. E, em seu estilo inconfundível, revela também o penoso cotidiano do homem da grande metrópole.

TAMBÉM de São Paulo é o artigo assinado por Cristina Caldeira sobre o lesbianismo, cujos segredos foram devassados pela repórter nos inferninhos e nas boates de luxo da chamada Boca do Lixo. Logo percebida e marcada como um corpo estranho, uma intrusa no mundo das *entendidas*, Cristina conseguiu, no entanto, a aproximação e o depoimento de lésbicas de vários níveis econômicos e sociais — algumas delas profissionais do lesbianismo —, e aqui faz uma interpretação deste universo em constante dilatação e cada vez menos marginal.

O humor desta edição fica a cargo de dois mestres do gênero: Juca Chaves e Oliver Prescott de Oliveira. Juca faz a apologia do nariz — principalmente do seu — como órgão sexual, e Oliver condena o absurdo das mil e uma posições inventadas para praticar o sexo, concluindo que devemos voltar ao original — e simples — papai-e-mamãe. E, taxativo, afirma que o *Kama Sutra* e outros livrinhos de *positions* não passam, na verdade, de manuais de ginástica acrobática.

É também de um mestre a peça de ficção deste número: José Louzeiro, autor de *best-sellers* como *Aracelli Meu Amor*, *Infância dos Mortos* e *Lúcio Flávio, Passageiro da Agonia*, escreve aqui um conto de grande erotismo e violência, que reúne um bandido, um homossexual, uma ninfomaníaca e uma ninfeta.

DA noite carioca para as páginas de ELE ELA, Adelzon Alves tem seu perfil traçado com precisão, numa reportagem que penetra sua personalidade cuidadosamente preservada por uma modéstia que tem resistido ao sucesso e à fama. Adelzon, responsável pela aceitação popular de Paulinho da Viola, pela transformação da carreira de Clara Nunes e pela revelação de Dona Ivone Lara como cantora, é o dono absoluto da madrugada do rádio, e usa seus microfones para defender o que chama — com propriedade — de cultura de raiz.

E há mais nesta edição. Cinco mulheres generosamente distribuídas por trinta páginas. A seção Forum, com as experiências e as fantasias sexuais dos leitores. O Panorama, falando de arte e cultura. Um toque de classe e nostalgia, com os carros antigos dos grandes colecionadores brasileiros. E a moda para o homem dos anos 80, baseada no filme *O Gigolô Americano*.

L.M.

sumário

6	**Forum**	
14	**Cartas**	
22	**Leonel Brizola** Trinta e seis horas com o presidente do PDT. Por Wilson Teixeira Soares.	reportagem
27	**Panorama** Críticas e comentários sobre cinema, propaganda, teatro, motores, *jazz* e economia.	
36	**Miet** Despida pelas câmaras do fotógrafo Frank Gitty, da revista francesa *Lui*.	mulher
48	**Plínio Marcos e seu Bando** A estréia do autor de *Navalha na Carne* como colaborador de ELE ELA.	crônica
56	**Meu nariz é do cacete** Juca Chaves faz a apologia de seu nasal como instrumento de prazer.	humor
62	**Debbie & Nancy** Duas garotas nuas se curtem.	mulher
68	**Um toque de classe e nostalgia** Carros antigos dos maiores colecionadores do país. Por José Lago.	automóveis
78	**A extraordinária fuga do delinqüente irrecuperável.** Um conto de José Louzeiro.	ficção
84	**Vicki** A nudez de uma finlandesa. Fotos de Bob Guccione, da revista *Penthouse*.	mulher
94	**Lesbianismo** A repórter Cristina Caldeira nos redutos do homossexualismo feminino.	sexo
99	**Panorama** Mais críticas e comentários sobre dança, artes visuais, livros, noite, música popular e música clássica.	
108	**Adelzon Alves, o fabricante de ídolos** Ele transformou as carreiras de Clara Nunes e Paulinho da Viola, e lançou João Nogueira e Dona Ivone Lara.	perfil
114	**American Gigolo**	moda
120	**Vamos voltar ao papai-e-mamãe** Oliver Prescott de Oliveira sugere retornar à posição tradicional de se fazer amor.	humor
124	**Janine** Uma italiana que enlouquece qualquer um. Fotos de Franco Marocco.	mulher

Capa: Foto de Frank Gitty/LUI

Miet, página 36

Debbie & Nancy, página 62

Vicki, página 84

Janine, página 124

ela ele

Auto-rádio Philips. A faixa do motorista.

Agora, mesmo quando você estiver sozinho em seu carro, você pode ter uma excelente companhia: chegou o auto-rádio AN 371, a faixa do motorista.

Que logo de início oferece uma grande vantagem: aquele probleminha que todo auto-rádio tem, de misturar sinais de freqüência modulada, o AN 371 não tem. Para isso ele possui uma chave para recepção de sinais locais e distantes - Loc/Dist. Por exemplo, se você está na cidade, onde todos os sinais de FM são fortes e ocorre a mistura de estações, basta passar a chave para recepção local. O sinal se torna limpo e claro.

Ou, se você estiver na estrada, onde os sinais de FM chegam mais fracos, basta passar a chave para a posição distante. Na posição distante (Dist) o auto-rádio fica mais sensível para a estação de FM que você está sintonizando.

Chave para sintonia local e distante.

É verdade que outros rádios possuem uma chave semelhante à do AN 371. Acontece que, no caso dele, este dispositivo foi especialmente projetado para as condições brasileiras. Por isso o AN 371 oferece um som de mais qualidade em AM e FM.

E a mudança de faixa é simples: com leve toque dos dedos você troca de faixa. E, em qualquer uma delas, o AN 371 é perfeito: seus circuitos são de avançada tecnologia e ele vem equipado com um controle automático de sintonia denominado ATC.

Como você acaba de ver, o AN 371 tem tudo para agradar a seus ouvidos. E a seus olhos também: seu desenho, além de estar dentro das normas de segurança, é moderno, e na gráfica de escalas ele possui a cor ocre, a última palavra em painéis de auto-rádios.

Venha conhecer pessoalmente o AN 371 da Philips. E descubra que ele é uma ótima companhia para você ter sempre em seu carro. Mesmo quando você já está bem acompanhado.

Standard

PHILIPS

PHILIPS

AdultMagazinesPDF.com

FREE DOWNOAD VINTAGE ADULT MAGAZINES PDF

Mayfair, Men Only, Fiesta, Escort, Knave, Penthouse, Playboy, Hustler, Color Climax, Silwa, Razzle, Adam Film World, Gent, Juggs, High Society, Oui, Private, Playmen and more ...!

https://adultmagazinespdf.com/

"Casal liberal, iniciante no *swing*, procura contato com outros casais de mente aberta ou parceiros (as) para essa prática e para *ménage à trois*. Ele: loiro, 34 anos, ela: branca, olhos verdes, 34 anos. M & N, Caixa Postal 2146, Campo Grande — MS.

Masoquista

"Quero um macho que saiba bater, maltratar e que curta ter acorrentada no porão uma morena de seios rijos." Telma, Caixa Postal 16.232, Rio

Artistas paraibanos

"Segue um exemplar da revista *Welta*, totalmente produzida aqui na Paraíba com um esforço sobre-humano para mantê-la. Ficaria imensamente agradecido se dessem a opinião de vocês." Emir Ribeiro, Avenida Coelho Lisboa, 112, João Pessoa PB

Resposta: *Os verdadeiros heróis do quadrinho nacional são os nossos desenhistas. Vocês estão de parabéns, Emir, pela edição gigante,*

Salame alemão

"Leitor PPC, de Porto Alegre: Lemos seu recado no Forum de ELE ELA e ficamos intrigadíssimas com a maneira como o senhor expôs o problema. Se o tal "salame alemão" tem 17cm de diâmetro, realmente o senhor deve ter sofrido um tremendo trauma. Sua marca deve ser publicada no Livro de Recordes." Mary, Elza e Gessy, Rio

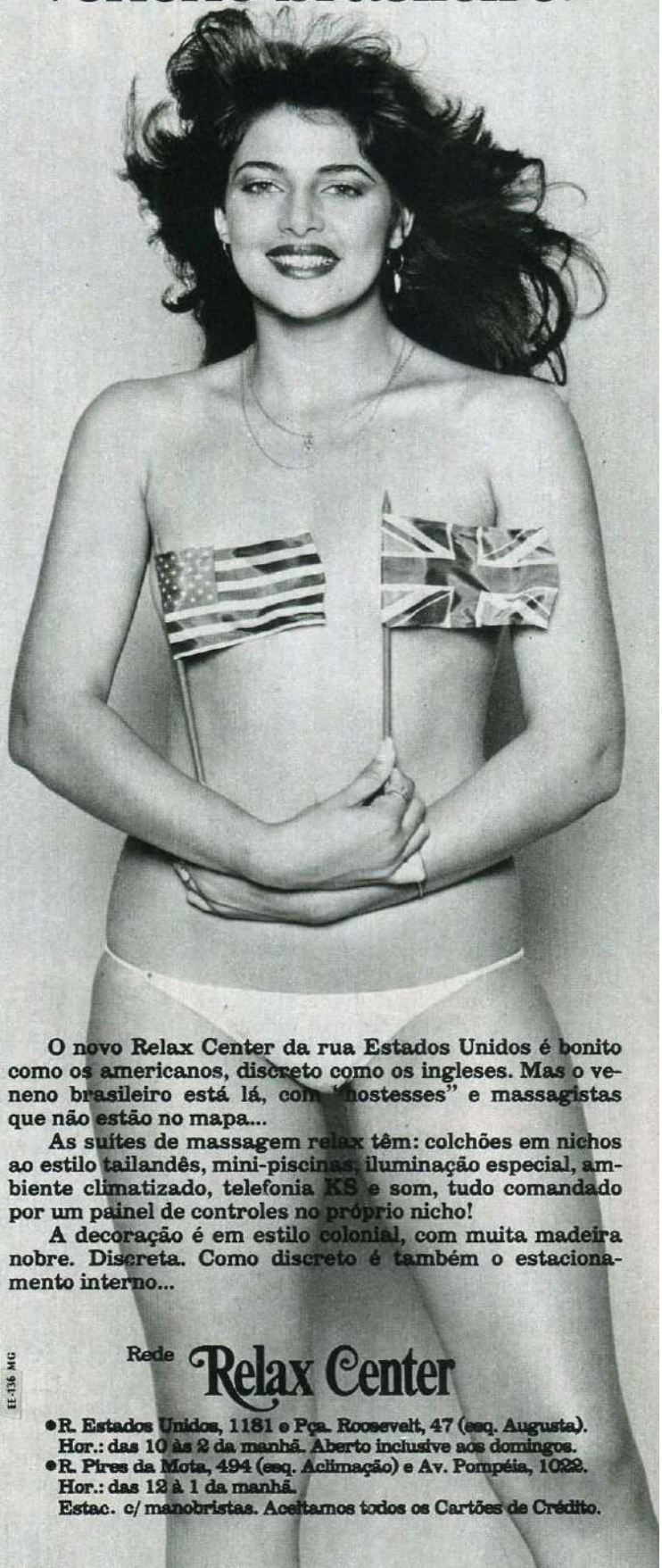
★

"Fiquei profundamente abismado com a história publicada com o título Salame Alemão no Superfórum de ELE ELA. Sendo leitor assíduo e admirador da sodomia, gostaria de entrar em contato com o autor, PPC, de Porto Alegre, pois apreciaria receber uma cópia da foto de sua peça." R.C.M. Caixa Postal 11.074, Rio.

Dentro dos limites

"Se você é ninfeta e curte sua virgindade sem abrir mão das delícias da vida, tais como sexo oral, sodomia e outras por conta da imaginação, então encontrou o parceiro ideal, que respeitará os limites que forem estabelecidos." Caixa Postal 12.902, São Paulo — SP.

Relax internacional. Mas com todo o veneno brasileiro.



O novo Relax Center da rua Estados Unidos é bonito como os americanos, discreto como os ingleses. Mas o veneno brasileiro está lá, com "hostesses" e massagistas que não estão no mapa...

As suítes de massagem relax têm: colchões em nichos ao estilo tailandês, mini-piscinas, iluminação especial, ambiente climatizado, telefonia KS e som, tudo comandado por um painel de controles no próprio nicho!

A decoração é em estilo colonial, com muita madeira nobre. Discreta. Como discreto é também o estacionamento interno...

EE-436 MG

Rede Relax Center

- **R. Estados Unidos, 1181 e Pça. Roosevelt, 47 (esq. Augusta). Hor.: das 10 às 2 da manhã. Aberto inclusive aos domingos.**
- **R. Pires da Mota, 494 (esq. Aclimação) e Av. Pompéia, 1022. Hor.: das 12 à 1 da manhã.**

Estac. c/ manobristas. Aceitamos todos os Cartões de Crédito.

Deixe genius brincar com a sua cabeça.

Estamos convidando cabecinhas de todas as idades para medir força com o jogo eletrônico mais divertido e talentoso que apareceu por aqui. Genius.

Um jogo genial até no nome.

Genius, como todo gênio que se preza, não teme adversários. E é capaz de enfrentar até quatro rivais horas a fio. Sem demonstrar estafa e sem dar canseira em ninguém. Porque, a cada jogada, Genius estimula seu desafiante, ou desafiantes, a repetir seus sinais de luzes e sons. Apertando suas teclas em seqüências que ficam mais rápidas e mais emocionantes. Exigindo reflexo, uma boa dose de malícia e muita memória. Porque, além de tudo, Genius nunca repete uma jogada.

Antes que a gente acabe revelando todos os segredos deste incrível jogo, vamos parando por aqui.

Leve um Genius para casa e descubra você mesmo.

Tem cada coisa que este Genius faz que só vendo!

Genius

Lançamento genial da Estrela.

ESTRELA

propaganda

A INFLAÇÃO MUSICAL NA PARADA

Márcio Ehrlich

Maria Bethânia, estourando nas paradas de sucesso com o *jingle* do motel baiano Le Royale.

"*De repente, fico rindo à toa, sem saber por quê. E vem a vontade de sonhar, de novo te encontrar. Foi tudo tão de repente, eu não consigo esquecer. E, confesso, tive medo, quase disse não. Mas o seu jeito de me olhar, a fala mansa, meio rouca, foi me deixando quase louca, já não podia mais pensar. Eu me dei toda pra você. E, meio louca de prazer, lembro teu corpo no espelho. E vem o cheiro de amor — eu te sinto tão presente. Volte logo, meu amor.*"

Reconheceu de que música é esta letra? Isso mesmo: da deliciosa *Cheiro de Amor*, um dos maiores sucessos do último LP de Maria Bethânia, chegando a primeiro ou segundo lugar em quase todas as paradas musicais do país.

Ah, sim! Antes que você diga que o colunista endoidou e passou a escrever sobre música, que não é seu campo, ou antes mesmo que você pense que montaram o título *Propaganda* na matéria errada, deixe que eu lhe faça uma revelação surpreendente: *Cheiro de Amor* é um *jingle* publicitário!

Como?! Sacrilégio! Vendendo o quê?

Leia de novo a letra e procure descobrir do que poderia ser.

Pois veja só. Esta música tão sensual que Bethânia canta foi o *jingle* de lançamento de um sofisticado motel — o Le Royale — na não menos sensual cidade de Salvador, Bahia.

Na verdade, não sei se esta foi a primeira vez, no Brasil, que um motel se utilizou de uma campanha publicitária para comunicar sua existência ao grande público. Principalmente quando se sabe que lá, como aqui, todos os motéis vivem superlotados. De qualquer maneira, é interessante saber que, no caso do Le Royale, quando a agência baiana DM-9 foi encarregada de providenciar seu lançamento, optou, no lugar de filmes para televisão ou anúncios de jornais, por uma música que transmitisse, com bastante impacto, a emoção de uma noitada num motel.

Dudu Mendonça, diretor da DM-9, na época tinha como sócio Ribeiro José Francisco, que recentemente encerrara as atividades de uma das mais importantes produtoras de *jingles* do país, a Zurana, a mesma que já havia produzido outros *jingles* de sucesso, como *Marcas do Que Se Foi*, *Itaipu*, etc. Ninguém melhor que ele, portanto, para produzir aquela idéia tão ousada. Ribeiro veio ao Rio, reuniu-se com seu antigo sócio, Paulo Sérgio Valle, e com outro músico, o Jota (aliás, os três estão juntos de novo na produtora Valle, Ribeiro), e aprontaram na voz de Regininha o tal *jingle*, que as rádios de Salvador começaram a tocar sem identificar a origem.

A música imediatamente virou sucesso, quando então passou a ser veiculada com a assinatura e o endereço do motel. Paralelamente, como promoção, os freqüentadores do motel começaram a ganhar cópias em cassete do *jingle*.

Acontece que, para sorte do anunciante e da agência, Maria Bethânia passava uns dias em Salvador, justamente quando o *jingle* começava a estourar nas paradas locais. Bethânia adorou a música, e o resultado, é óbvio, nem precisa ser contado.

Como curiosidade, vale citar que, pronto o disco de Bethânia, o motel decidiu dá-lo de presente a todos que lá se *hospedassem* durante a semana, no horário da tarde. A partir daí — se o que me contaram é verdade — parece que nunca as lojas de discos em Salvador estiveram tão cheias de gente, querendo até pagar por notas fiscais frias, só pra poder se explicar em casa...

BRAINSTORMING:

Julho foi um mês agitadíssimo no expectante mercado publicitário brasileiro. Logo no começo surgiu a notícia de que a Pepsi tirava sua conta de 80 milhões de cruzeiros (Pepsi-Cola, Teem e Mirinda) da MPM Propaganda, a maior agência do país, entregando-a toda para a J. Walter Thompson, que já trabalha com ela em alguns outros países. *** No Rio, a Franco Paulino, Moraes — uma das mais criativas agências cariocas — resolveu fechar suas portas, transferindo-se os diretores, Franco Paulino e Genaro de Moraes, com todas as suas contas (no montante de cerca de 60 milhões de cruzeiros) para a CBBA-Rio, a agência que atende o cigarro Chanceller. *** E, numa fulminante seqüência de notícias, ficou-se sabendo que a BBDO International — a 7.ª maior agência americana — decidiu ampliar seus investimentos na América Latina. A CBBA, que tinha 29% de suas ações nas mãos da BBDO, surpreendeu o mercado anunciando que preferia comprar de volta suas ações a abandonar seus vínculos multinacionais. No dia seguinte, completou-se a surpresa: surgiu a nacionalíssima Lage, Stabel & Guerreiro — 17.ª agência no *ranking* nacional — e informou que venderá de 30 a 40% de seu capital para a BBDO. *Happy end.* □

Teatro

TCHECOV PARA DILETANTES

José Guilherme Mendes

PLATONOV (Teatro Tablado, Lagoa, Rio) é a primeira das 15 peças teatrais escritas por Tchecov. Data de 1881, quando seu autor, chegado da pequena cidade natal de Taganrog, cursava, em Moscou, o segundo ano de Medicina. E desde seu título já sugere as inquietações e dúvidas que atormentavam o jovem escritor: o nome do personagem — Platonov — pode referir-se ao filósofo grego Platão — Platon, em russo — ou ao verbo pagar — *platit* — ou, mais especificamente, ao adjetivo e substantivo *pagador*.

Esses detalhes, biográficos e semânticos, devem ser levados em conta ao examinar-se a comédia dramática de Tchecov. Desde o começo, a peça revela características de primeiro trabalho, com suas imperfeições e vacilações. Suas primeiras cenas dão a sensação de que se trata de um enfoque, amargo e realista, da corrupção e da decadência. Logo no início, um jovem médico — cunhado de Platonov — importuna um velho e rico banqueiro, pedindo-lhe dinheiro. A cena, de grotesco ridículo, dá o clima da festa organizada pela anfitrioa, uma viúva ainda moça, desejada pelo banqueiro e por um usurário, Vengerovitch, também presente. Assim, de saída, tem-se a impressão de que o drama vai girar mais em torno da cobiçada viúva do que do platônico personagem-título.

Anton Tchecov revisitado no Teatro Tablado.

Essa sensação persiste por bastante tempo após a entrada em cena de Platonov. Também persiste, até o final, o esquematismo com que Tchecov enfrentou sua primeira experiência como dramaturgo: os personagens surgem, falam, saem, dando lugar a outros, num rodízio, no mínimo, nada tchecoviano. Essa agitação artificial continua, mesmo quando a ação passa a ter como foco Platonov, que, de mestre-escola quase exemplar numa cidade do interior da Rússia imperial, se transforma num Don Juan confuso e perdido em súbito amaranhado de conquistas.

É difícil acreditar que Tchecov concordasse em ver encenada essa peça de tão inseguras estruturas. Mais do que ninguém, ele haveria de reconhecer todas as deficiências de sua primeira incursão no terreno do drama teatral.

É verdade que, sob escrutínio mais detido, pode-se perceber em *Platonov* algumas das principais características da arte que imortalizou Anton Plavlovitch Tchecov. Há, nessa peça como nas outras 14, e nos mais mil contos por ele escritos, a antevisão de um mundo definitivamente condenado; o sentimento da fragilidade e, de modo especial, a fugacidade da vida humana, bem como de sua surpreendente renovação e estagnação.

Não se pode, está claro, comparar *Platonov* às três obras-primas de Tchecov — *Tio Vânia*, *As Três Irmãs* e *No Jardim das Cerejeiras* —, por sinal, as três últimas que escreveu. E nem haveria motivo de fazê-lo se não fosse pela sua encenação no pequeno Teatro Tablado, entre a Lagoa e o Jardim Botânico. Como foi observado, Tchecov dificilmente — se é que alguma vez — concordaria com a montagem de *Platonov*, cujas imperfeições, no mínimo, causar-lhe-iam mal-estar. Mas, e a montagem de *Platonov* no Tablado: que acharia dela Anton Tchecov? Não deixa de ser, como diria o querido Otto Maria Carpeaux, uma instigante especulação artística.

Na presente montagem,

Carlos Wilson e Maria Clara Mouthé (acima) e Bernardo Jablonski e Sílvia Nunes (embaixo), em *Platonov*, sob a direção de Maria Clara Machado.

optou-se por um estilo nos moldes da *commedia dell'arte* — ou do que se imagina ser *commedia dell'arte* —, com sua constante movimentação cênica, num ritmo às vezes mais próximo do bailado do que do teatro (quanto à improvisação, elemento essencial daquele estilo de representação, nem se fala). Não terá sido essa a primeira vez que tal tentativa foi feita: há mais de vinte anos, Sir Lawrence Olivier, em Londres, dirigiu e interpretou a peça curta do mesmo Tchecov, *A Proposta (Predlogenie* — ou *Proposta de Casamento)*, dentro dos mais puros cânones da *commedia dell'arte*. Mas isso já é outra história — ou outros 500 milhões de cruzeiros.

A diretora do espetáculo e diretora do Tablado, Maria Clara Machado, em breve texto, no programa, fala de teatro amador: "Teatro amador — afirma ela — é atividade recreativa antes de mais nada."

Sábias, lúcidas palavras que a montagem de *Platonov* confirma. Com belo cenário de Hélio Eichbauer, mais de vinte pessoas — incluso um punhado de álacres e bem vestidas crianças, não previstas por Tchecov — entram e saem, falam, caminham e, geralmente, correm pelo palco, parecendo divertir-se à grande. E não só as crianças, justiça seja feita: todo mundo, ali, mostra-se cuidadosamente vestido, numa reconstituição pelo menos curiosa da elegância rural russa de um século atrás. E todo mundo parece muito contente em representar, mesmo para uma casa quase vazia — o que não deixa de ser das mais louváveis características do dito Teatro Amador. Mas, o que Anton Pavlovitch Tchecov acharia de tudo isso? □

motores

AS CORRIDAS A ÁLCOOL

José Lago

A indústria automobilística continua utilizando as pistas de corridas como o melhor e mais completo laboratório, visando lançar nos carros produzidos em série combustíveis de origem vegetal.

A indústria tem uma dívida grande com o esporte automobilístico, e a nação também. Afinal, depois de algum tempo de pouca atividade nas pistas, foi nas corridas que se desenvolveu a maior parte da tecnologia dos motores a álcool. Quando, há um ano, o CNP (Conselho Nacional do Petróleo) resolveu cortar o fornecimento de gasolina para as competições, as equipes em menos de 30 dias transformaram seus motores para funcionar com álcool hidratado, e logo na primeira competição (7 de setembro de 1979) quase todos os recordes de volta caíram.

De lá para cá ainda não se parou de desenvolver esses motores, e a indústria, muito ciosa de seus direitos, aproveita tudo o que os preparadores experimentam e propõem. Novos coletores, taxas de compressão, comandos de válvulas, e válvulas de admissão e escape — enfim, tudo mesmo que possa fazer os carros renderem qualquer tostãozinho a mais.

A pesquisa continua. Agora mais no sentido de fazer baixar os índices de consumo, a fim de tornar possível a redução do volume e, conseqüentemente, do peso do combustível transportado. No início, os cálculos eram feitos em função da diferença do índice calorífero entre os dois combustíveis. Agora já não é assim: a diferença de rendimento, que começou em 40% contra o álcool, já não passa de 25%.

Chegará o dia em que as diferenças favorecerão o combustível vegetal, e não vai demorar muito. Afinal, além das equipes de competição, instituições como o IME (Instituto Militar de Engenharia), no Rio, e o Centro Técnico de Aeronáutica, em São José dos Campos, e mais outras como os centros de pesquisas da Universidade de São Paulo, em Campinas, a Escola de Engenharia de Itajubá (MG) e a Universidade de Brasília (DF) procuram maneiras de fazer os motores renderem mais a[o] mesmo tempo em que pe[s]quisam as formas de enr[i]quecer o combustível dest[i]nado a salvar a economi[a] nacional da sangria de di[vi]sas da conta do petróleo.

Os nossos progresso[s] com relação ao aproveit[a]mento do álcool já são not[í]cia na Europa e na Amér[i]ca do Norte, onde países com muito mais *know-how* do que nós ainda se debat[em] em meio aos vórtices c[ri]ados pela crise energética em busca de soluções pa[ra a] substituição do combust[í]vel fóssil e esbarram no dilema da falta de t[er]ras para plantar cereais ou tubérculos geradores de biomassa sem reduzir a produção destinada à alimentação.

Nos Estados Unidos, já

se utiliza álcool metílico (destilado de madeira e carvão mineral) como combustível para motores de competição, mas o metanol é de custo mais elevado e de difícil manipulação e armazenamento. Isso o torna inviável em grande escala, por oferecer riscos além dos aceitáveis.

No Brasil o governo parece ter feito a opção certa pelo destilado de cana — sem descartar as possíveis alternativas por outras matérias-primas, como a mandioca, por exemplo. Agora os nossos técnicos já partem para a última etapa da pesquisa, que é a solução para tornar o vinhoto, poluente resultante da destilação, biodegradável. Também para esse problema já aparecem as primeiras equações: transformar o vinhoto em gerador de gás pobre para ser queimado na geração de energia das usinas, em elemento de enriquecimento de rações animais ou em fertilizantes. Experimentalmente já se conseguem esses milagres em usinas fluminenses, restando tornar as técnicas acessíveis aos usineiros de todo o país e insistir nas pesquisas.

Outros combustíveis alternativos estão sendo testados. Há até um, para substituir o diesel, que é resultado da mistura de óleo de dendê com álcool. Alguns ônibus da CTC do Rio estão rodando a dendê, e já são conhecidos como *Muquecas de Siri*, fazendo referência ao tradicional prato baiano e à cor azul dos veículos. Também o babaçu, uma palmeira nativa do Nordeste ocidental (Piauí e Maranhão), de cuja amêndoa já são extraídos óleo e gordura, oferece a possibilidade de destilação da casca para a conversão em álcool metílico ou em carvão de alto poder calorífico, para fins siderúrgicos. Assim o Brasil, passo a passo, encontra seus próprios caminhos para a crise de energia, vencendo a sinistrose e o pânico que por alguns momentos pareceram tomar conta do país.

Paralelamente, a Universidade de Brasília vem oferecendo, para pequenas usinas, a possibilidade de utilização de esterco de gado curado em poços, para a formação de gás capaz de gerar toda a energia necessária ao consumo de uma fazenda de tamanho médio. E, depois da cura, o esterco ainda pode ser utilizado como adubo. O custo desses processadores, segundo o professor Thomaz Soriano, da UNB, é acessível a qualquer granjeiro. Ainda de acordo com o professor Soriano, diversas fazendas já estão se utilizando do método, em Goiás e na zona rural do Distrito Federal. "Isso prova, mais uma vez, que do boi tudo se aproveita, e até seu excremento pode servir de gerador de energia", diz o professor. □

jazz

THELONIOUS MONK, O ALQUIMISTA DO BOP

Roberto Muggiati

O universo de Thelonious Monk, uma viagem já possível no Brasil através dos LPs *Misterioso* (CBS), *Thelonious Monk* (Top Tape) e *Genius of Modern Music* (EMI-Odeon).

"MONK, como Picasso, jogou fora a técnica oficial; começou a pesquisar todos os elementos da música — ritmo, melodia, harmonia e especialmente o colorido tonal, a mais difícil inovação de todas no piano (...) e como uma alquimia impossível de descrever arranca do instrumento sons que são inteiramente seus."

A frase de Grover Sales aplica-se a Thelonious Sphere Monk — um nome excêntrico para um gênio excêntrico, nascido há quase 60 anos na Carolina do Norte, mas desde a infância habitante de Manhattan, onde, com um punhado de inovadores (Parker, Gillespie, Bud Powell, Kenny Clarke), lançou as bases do *jazz* moderno, a partir do *be bop** Nenhum outro músico do *jazz* corporifica, como Monk, o modelo do compositor-intérprete, aquele instrumentista que, mesmo usando material já conhecido, o elabora num nível de invenção sempre renovada. Embora tenha raízes fincadas em pianistas como Fats Waller, James P. Johnson e Duke Ellington, Monk soube criar uma das linguagens mais intensamente pessoais do *jazz*.

Até há pouco inexistente nas lojas de discos brasileiras, um pouco do universo monkiano começa a abrir-se agora, com alguns lançamentos importantes. **Misterioso** (CBS) é de 1965 e foi gravado como Monk gosta (ele detesta estúdios): ao vivo, em vários locais, de Tóquio ao Lincoln Center; de San Francisco ao Festival de Newport. É o quarteto da fase Columbia (62-68), com o inseparável Charlie Rouse (sax-tenor), Larry Gales e Butch Warren alternando-se no baixo, Ben Riley e Frank Dunlop na bateria. Além do repertório

básico (*Misterioso, Well You Needn't, Bemsha Swing* etc.), Monk reconstrói três *standards* favoritos: *I'm Gettin' Sentimental Over You, All The Things You Are* e *Honeysuckle Rose*. **Misterioso** é um álbum típico dos anos mais recentes de Thelonious e, embora sem grandes novidades, mostra o mestre vigoroso e inventivo, antes do Grande Silêncio. (Sem contrato com qualquer gravadora, Monk tem vivido estes últimos anos no mais completo isolamento.)

Thelonious Monk (Prestige/Top Tape) traz o pianista com uma variedade de formações, em diferentes registros que vão de outubro de 1952 a setembro de 1954. Um dos destaques deste álbum duplo é a presença de Art Blakey, o mais monkiano de todos os bateristas, nas gravações em trio (com um incrível *Blue Monk*) e também no quinteto incluindo Frank Foster (sax-tenor) e Ray Copeland (trompete). Este último grupo participa de um *Smoke Gets In Your Eyes* que ilustra admiravelmente como Monk-pianista e Monk-orquestrador se fundem numa só entidade musical. Outro quinteto — incorporando Sonny Rollins (sax-tenor) e Julius Watkins (trompa) — antecipa as gravações de Monk com *big band*, interpretando *Let's Call This, Think of One* e *Friday the 13th*. Ao todo, são 15 composições de Thelonious e quatro *standards*, entre os quais um solo de piano em *Just a Gigolo* e um imprevisível — desde as primeiras notas — *These Foolish Things*.

A fase imediatamente anterior do pianista é encontrada no volume 6 da série Blue Note Jazz Classics Twins: **Thelonious Monk/ Genius of Modern Music** (EMI-Odeon). Esse duplo reúne gravações de 1947 a 52, ao todo 24 faixas (19 originais de Monk) interpretadas por diversos grupos (de trio a sexteto), incluindo músicos como o vibrafonista Milt Jackson, os trompetistas Kenny Dorham e Idrees Sulieman, os saxofonistas Lou Donaldson e Sahib Shihab, os bateristas Art Blakey e Max Roach. Como estes registros foram feitos em discos 78rpm, nenhum número ultrapassa os três minutos, e nesse espaço restrito é preciso ser muito bom para dar o seu recado. Monk e seus acompanhantes superam estas limitações e o resultado é uma antologia do que existe de melhor em sua obra de compositor, a começar pelo clássico *Round About Midnight*, por um quinteto, colocando novamente em foco todo o gênio de Monk como compositor/arranjador.

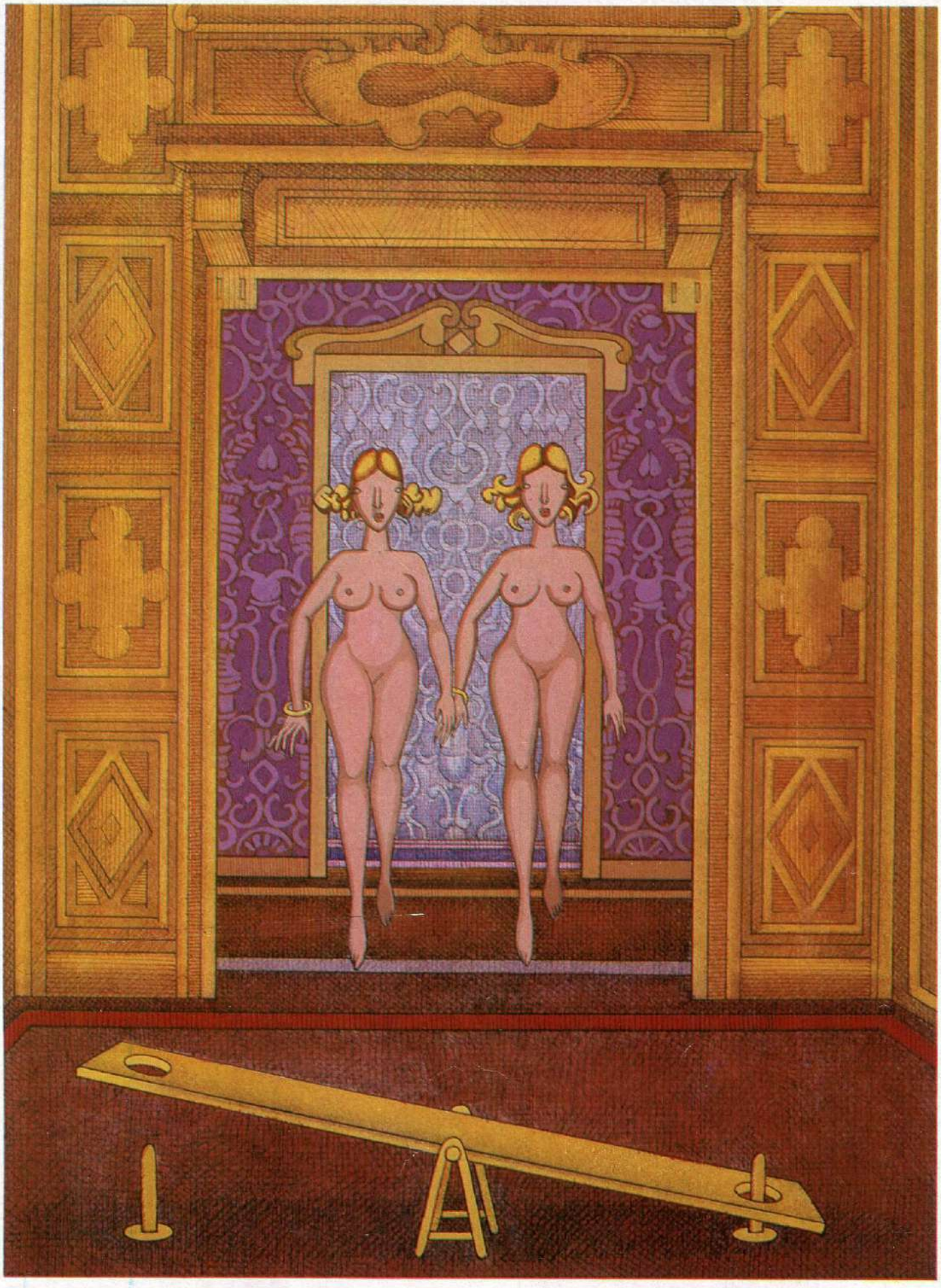
Num outro pólo, o LP **Thelonious Monk/Piano Solos** (Imagem) mostra o *genius at work* num contexto totalmente isolado — e chega a provar praticamente a auto-suficiência deste *jazzman* excepcional. Gravado pela Vogue francesa em 1954 — quando Monk foi a Paris para o I Salon du Jazz —, este álbum, lançado aqui no ano passado, é um dos melhores exemplos do trabalho pianístico de Thelonious. *Round Midnight* e *Reflections* o mostram na mais profunda introspecção; *Well You Needn't* e *Off Minor*, com sua arquitetura portentosa, fazem o seu piano soar como uma orquestra; *Smoke Gets in Your Eyes* exibe toda a sua arte de baladista.

Além destes quatro álbuns, Monk aparece ainda parcialmente em três outros lançamentos: *Art Blakey and Thelonious Monk* (Atlantic/WEA); com Sonny Rollins e J. J Johnson em *Sonny Rollins/Dominant* (vol. 10/Blue Note Jazz Classics Twins); e no seu histórico *duelo* de 1954 com Miles Davis em *Tallest Prees* (prestige/Top Tape). Um bom sinal de abertura, pois ainda há muita coisa de Monk para ser ouvida. □

cotações **ele ela** DISCOS

	João Luiz Albuquerque	Léo Borges Ramos	Lincoln Martins	Licinio de Melo	Mauricio Quadrio	Roberto Muggiati	Thaís de Mendonça	Wilson Teixeira Soares
Monk Misterioso — Thelonious Monk — CBS	• •	• •	• •	• •	• •	• •	• •	• •
Thelonious Monk — Prestige/Top Tape (álbum duplo)	• •	• •	• •	• •	—	• •	—	• •
Fátima Guedes — Odeon	•	•	•	—	• •	•	—	•
Asfalto — João de Aquino — CBS	—	• •	•	—	• •	•	—	•
I Will Say Goodbye — The Bill Evans Trio — Prestige/Top Tape	• •		• •	• •	• •	• •	—	• •
América do Sol — Vol. 3 (vários) — Bandeirantes	—	• •	• •	—		•	•	•
De Volta ao Começo — Gonzaguinha — Odeon	•	•	• •	• •	• •	• •	—	• •
Unknown Session — Duke Ellington — CBS	• •	• •	• •	• •	• •	• •	• •	• •
O Piano de Chiquinha Gonzaga — Clara Sverner — Odeon	—	• •	• •	• •	• •	• •	—	• •
Prokofiev — Concertos p/piano 1 e 3 — The Cleveland Orchestra — CBS	—	• •	• •	—	• •	• •	• •	• •
8:30 — Weather Report (álbum duplo) — CBS	•	• •	• •	• •	—	• •	• •	• •
Mahler — Sinfonias 5 e 10 (álbum duplo) — Odeon	—	• •	• •	• •	• •	—		• •
From The Very Beginning — Nat King Cole (álbum duplo) — Ariola	• •	—	• •	—	—	• •	—	—

□ péssimo / • ruim / • razoável / • bom / • muito bom / • excelente



MIET

Como as gatas, Miet vaga pelo escuro quando os mortais comuns, recolhidos aos seus leitos solitários, sonham com uma doce mulher de olhos tristes e de encaracolados cabelos de um louro estranho que, tocados pela luz da Lua, refletem tons misteriosos, pois fugazes.

Miet desliza por telhados, e seus dourados pêlos se eriçam quando percebem, numa água-furtada, luz acesa e vislumbra uma silhueta à janela. Então, ela ronrona, e os olhos refulgem como brilhantes lapidados em um róseo diamante, encantando mais uma vítima.

Fotos de Frank Gitty / LUI

MIET

Como as gatas, Miet vaga pelo escuro quando os mortais comuns, recolhidos aos seus leitos solitários, sonham com uma doce mulher de olhos tristes e de encaracolados cabelos de um louro estranho que, tocados pela luz da Lua, refletem tons misteriosos, pois fugazes.

Miet desliza por telhados, e seus dourados pêlos se eriçam quando percebem, numa água-furtada, luz acesa e vislumbra uma silhueta à janela. Então, ela ronrona, e os olhos refulgem como brilhantes lapidados em um róseo diamante, encantando mais uma vítima.

Fotos de Frank Gitty / LUI

Em gestos silenciosos, Miet aguarda pela mão sobre a cabeça, a acariciá-la longamente, infundindo-lhe lassidão e querenças

Em gestos silenciosos, Miet aguarda pela mão sobre a cabeça, a acariciá-la longamente, infundindo-lhe lassidão e querenças

Só então Miet se entrega.
Resistências abandonadas,
faz-se lânguida e geme,
enrodilhando-se em si
mesma, exalando um suave
odor de cio

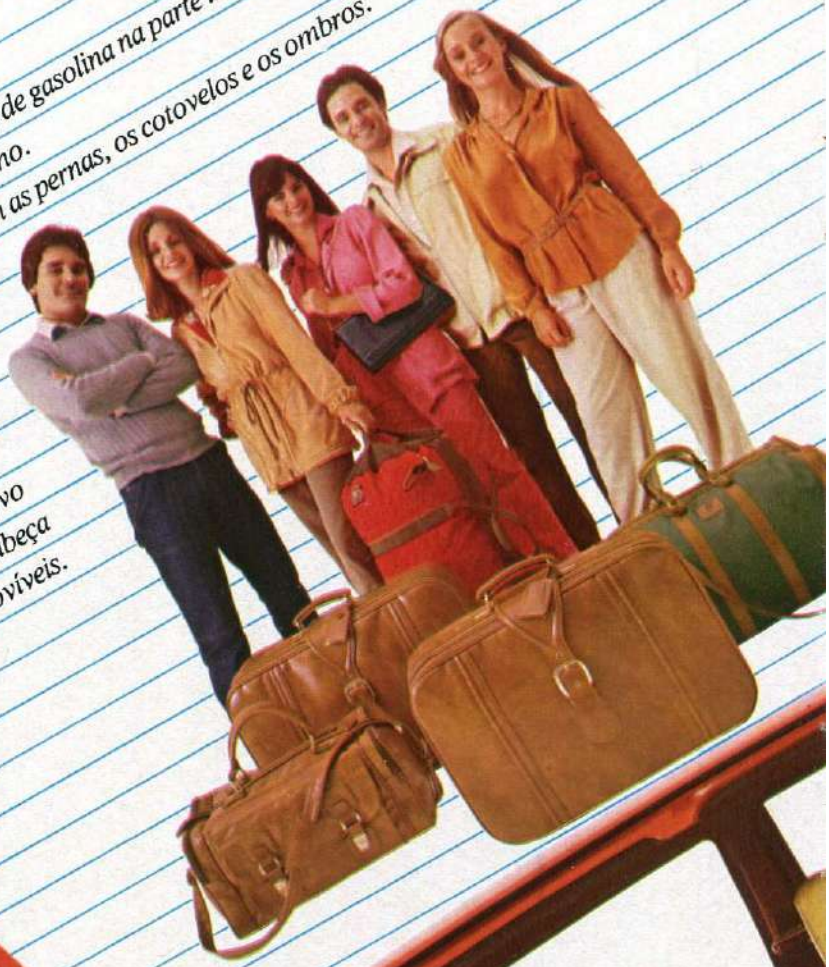
Só então Miet se entrega.
Resistências abandonadas,
faz-se lânguida e geme,
enrodilhando-se em si
mesma, exalando um suave
odor de cio

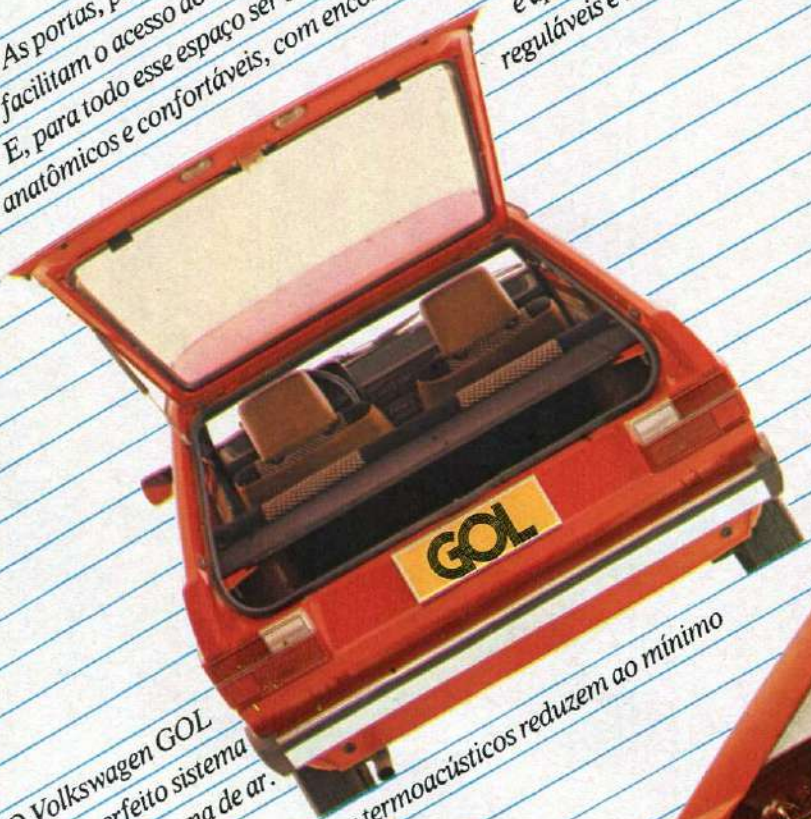
ESPAÇO SEM FRONTEIRAS.

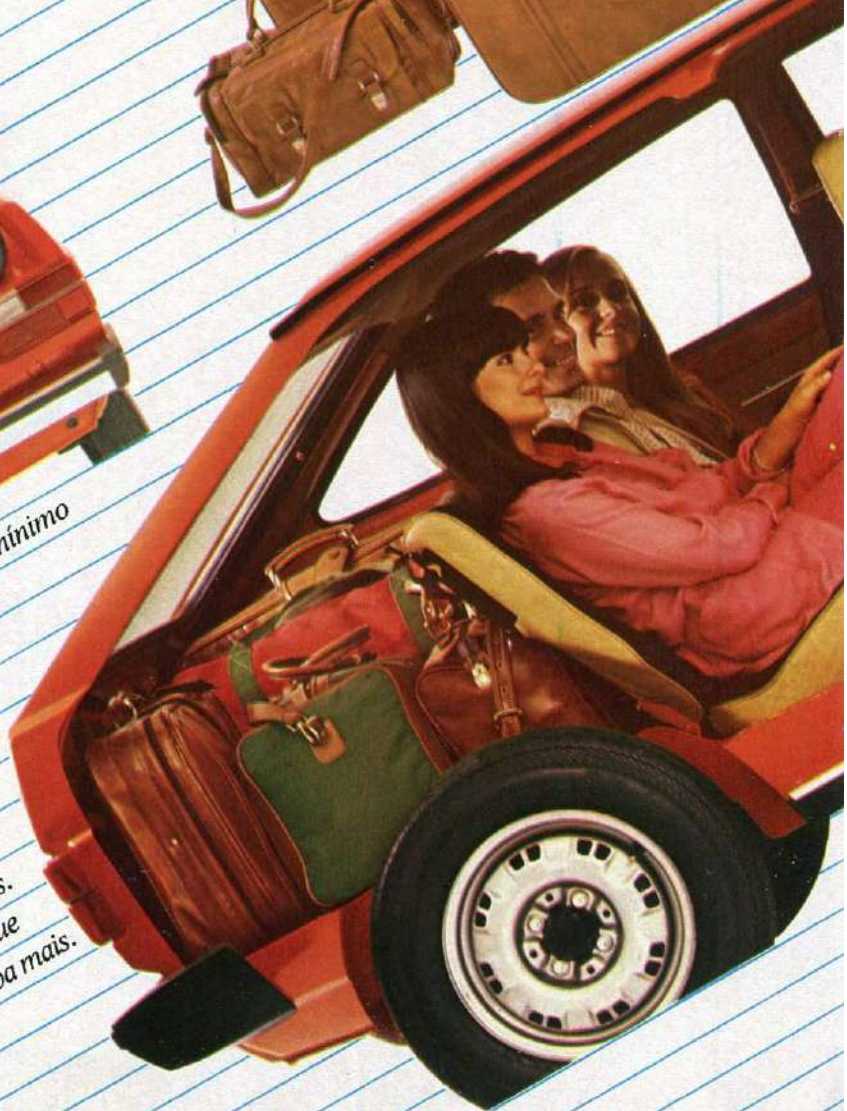
Um carro para os tempos de hoje tem que ser livre no espaço. O Volkswagen GOL é livre. Porque nasceu de uma concepção moderna e inteligente, que soma a experiência brasileira da Volkswagen com a mais avançada tecnologia automobilística européia.

O conjunto moto-propulsor colocado na parte dianteira e o tanque de gasolina na parte inferior traseira resultaram no máximo aproveitamento útil do espaço interno. No Volkswagen GOL 5 pessoas adultas viajam sem problemas com as pernas, os cotovelos e os ombros.

As portas, projetadas com um ângulo máximo de abertura, facilitam o acesso ao interior. E, para todo esse espaço ser bem aproveitado, os bancos são mais anatômicos e confortáveis, com encostos dianteiros dotados de reclinador progressivo e apoios para cabeça reguláveis e removíveis.

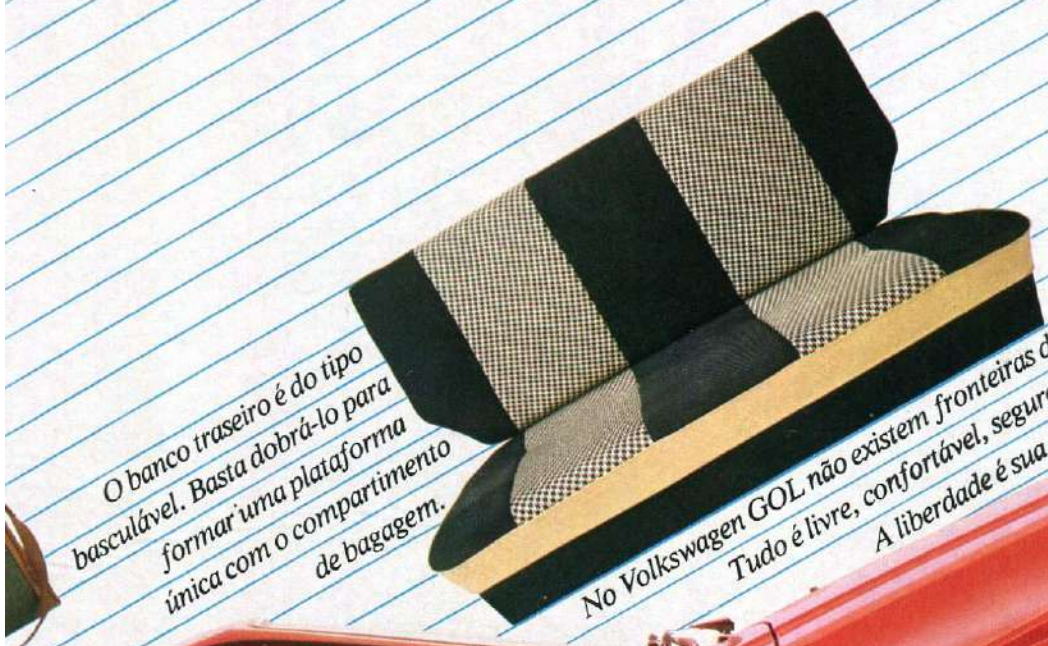






O Volkswagen GOL tem um perfeito sistema de renovação interna de ar. Você dirige cômoda e silenciosamente, pois revestimentos termoacústicos reduzem ao mínimo os ruídos e o calor.

Agora, o enorme porta-malas. Até a altura do banco acomoda 380 litros e até o teto 500 litros. Com o encosto traseiro dobrado, essa capacidade aumenta para 1.200 litros. E porta-malas que não acaba mais.



O banco traseiro é do tipo basculável. Basta dobrá-lo para formar uma plataforma única com o compartimento de bagagem.

No Volkswagen GOL não existem fronteiras de espaço. Tudo é livre, confortável, seguro. A liberdade é sua. Escolha.

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

GOL

O CARRO QUE UNE RAZÃO E EMOÇÃO.

Uma nova direção em sua vida.

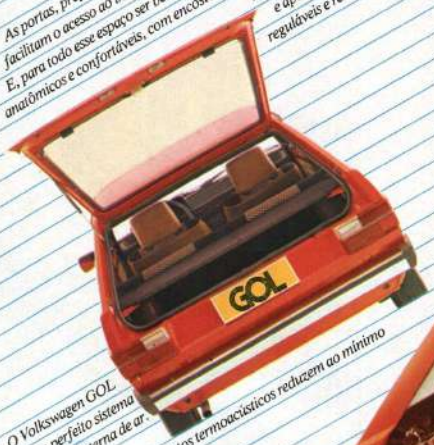
ESPAÇO SEM FRONTEIRAS.

Um carro para os tempos de hoje tem que ser livre no espaço. O Volkswagen GOL é livre.

Porque nasceu de uma concepção moderna e inteligente, que soma a experiência brasileira da Volkswagen com a mais avançada tecnologia automobilística européia.

O conjunto moto-propulsor colocado na parte dianteira e o tanque de gasolina na parte inferior traseira resultaram no máximo aproveitamento útil do espaço interno. No Volkswagen GOL 5 pessoas adultas viajam sem problemas com as pernas, os cotovelos e os ombros.

As portas, projetadas com um ângulo máximo de abertura, facilitam o acesso ao interior. E, para todo esse espaço ser bem aproveitado, os bancos são mais anatômicos e confortáveis, com encostos dianteiros dotados de reclinador progressivo e apoios para cabeça reguláveis e removíveis.



O Volkswagen GOL tem um perfeito sistema de renovação interna de ar. Você dirige cômoda e silenciosamente, pois revestimentos termoacústicos reduzem ao mínimo os ruídos e o calor.

Agora, o enorme porta-malas. Até a altura do banco acomoda 380 litros e até o teto 500 litros. Com o encosto traseiro dobrado, essa capacidade aumenta para 1.200 litros. E porta-malas que não acaba mais.

O banco traseiro é do tipo basculável. Basta dobrá-lo para formar uma plataforma única com o compartimento de bagagem.

No Volkswagen GOL não existem fronteiras de espaço. Tudo é livre, confortável, seguro. A liberdade é sua. Escolha.

GOL

O CARRO QUE UNE RAZÃO E EMOÇÃO.

Uma nova direção em sua vida.

© VW-VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

A Rainha apresenta de vôlei feitos

Gáspea de nylon, forte e resistente: tem furinhos para respiração nas laterais, e colarinho reforçado, para maior resistência.

Biqueira de couro: leve e muito resistente.

Por dentro, a lingueta, garante conforto e maciez, com total ausência de costuras.

Contraforte ampliado, por dentro e por fora, com costuras duplas: completo ajuste no calcanhar.

Palmilha amortecedora de borracha natural esponjada: pise no macio. Por baixo, entresola de borracha, para proteger e dar mais firmeza aos pés.

Lage, Stabel & Guerreiro

os primeiros craques em laboratório.

Solado de puro látex, em cores diferenciadas, com desenho exclusivo, garantindo aderência e apoio, flexibilidade e resistência ao desgaste.

Gáspea de lona "double-face", proporcionando ventilação, leveza e grande resistência.

Só existe uma palavra para definir os novos tênis Rainha Volley: profissionais.

Da sola ao cordão, do calcanhar à biqueira, eles fazem coisas na quadra que nenhum outro consegue fazer: dão mais conforto, melhor postura, apoio, leveza e muita resistência.

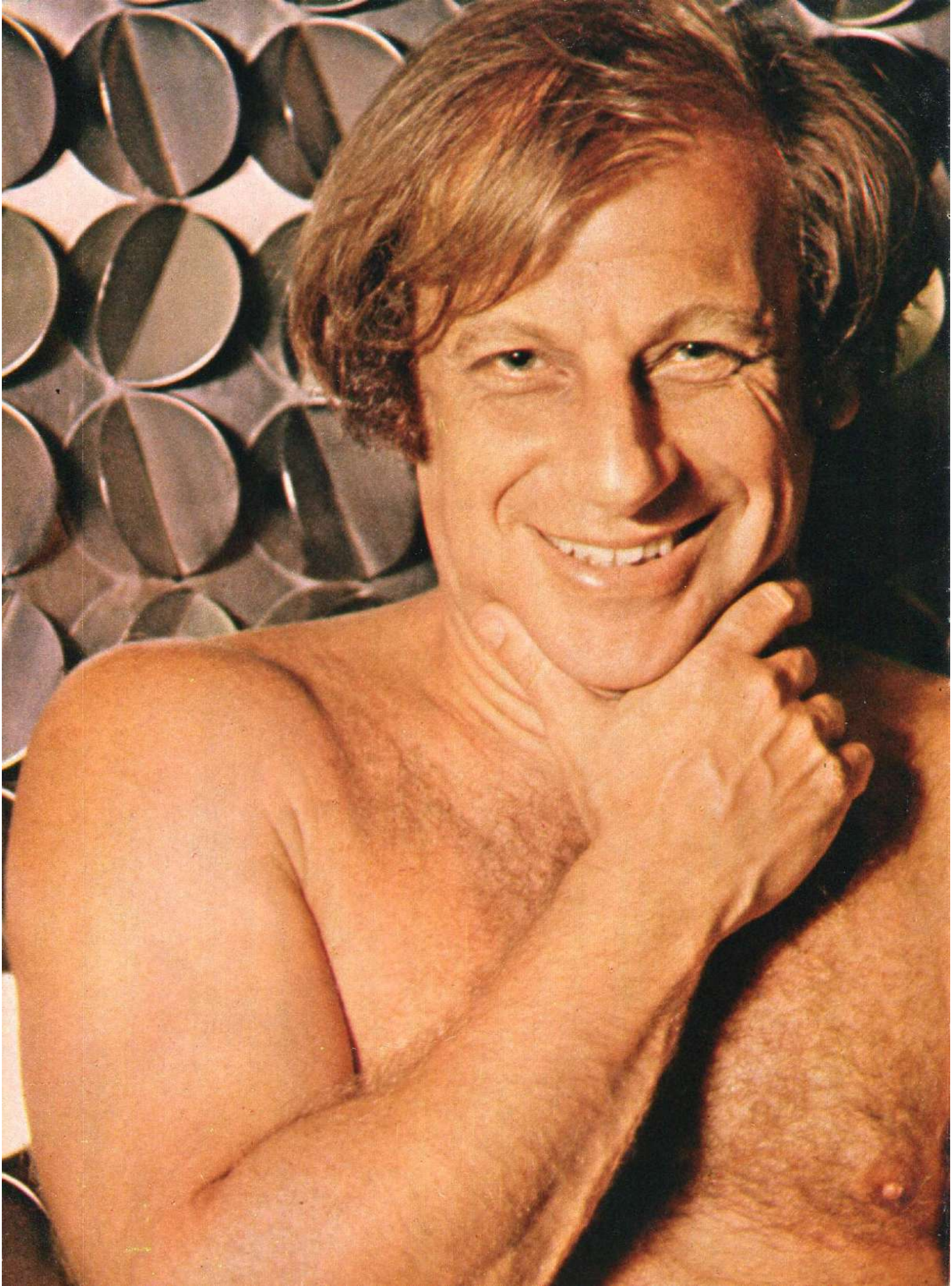
Tem o modelo de lona e o de nylon, os dois em várias cores.

Use o tênis Rainha Volley: afinal, profissional com profissional se entende.

Sola envolvente no calcanhar, dando segurança nos recuos e saltos.

RAINHA

Volley Profissional.



MEU NARIZ É DO CACETE

Por Juca Chaves

Fotos de Frederico Mendes e Isabel Garcia

DEUS me privilegiou com um órgão avantajado, um órgão que não sofre injunções sociais nem censuras morais — está sempre na cara — e, seja em que situação for, mantém-se na vertical e chega sempre na frente. "Nariz, ai meu nariz!/Ria o mundo imundo e não faz mal,/eu sou feliz./E sabem o porquê desta felicidade?/A minha personalidade está neste nariz,/que além de lindo é um romântico sexual,/pois toda vez que beijo a namorada idolatrada/quem chega na vanguarda é o meu nasal." Mas logo o nariz? — dirão vocês. Na verdade, eu confirmei a importância do nariz como órgão sexual — considero os atuais como obras do passado — quando notei que o brasileiro lava a mão depois de fazer xixi, e não antes. Ele não respeita nem o seu próprio pau, não é? E, enfim, a mão é um negócio onde todo mundo pega. Depois, quando espirrei pela primeira vez... e gozei.

"Nariz, nariz, nariz que nunca se acaba,/nariz que se um dia desaba,/faria o mundo infeliz./Nariz de massa infernal,/nariz que Newton não quis inscrever na diagonal,/nariz que colocado entre o céu e a Terra/faria a eclipse total." Se até Bocage dedicou alguns versos a este tremendo órgão, porque não iria eu, aos 15 anos, ao fazer minha primeira música, escolhê-lo como tema? E, ao dar-lhe o título *Nasal Sensual,* naturalmente já tinha na cabeça conceitos relacionados ao seu valioso papel. Acabei estudando muito sobre narizes, inclusive para descobrir se o melhor era o aquilino, o leptorrino ou o grego.

O meu, descobri mais tarde, pertencia a uma classe raríssima um nariz *sdruwine* —, o tipo perfeito. Conta a mitologia que o primeiro personagem a ostentar este modelo foi um deus pouco

conhecido, Sdruweco (amante de Diana), elogiado pelos mais altos cânones da Estética. Depois dele, outros vieram com as mesmas características: druwícola , guerreiro romano famoso por sua coragem, amante de Cleópatra; Sdruwien, francês, trovador de sua época; MacSdruws, patriarca do clã Sdruws da Inglaterra. Muitas batalhas foram ganhas por este nariz. Agora, sexualmente, ele foi muito mais importante. Você vê que inventaram o cinto de castidade porque sabiam que só uma chave poderia abrir. Mas nunca ousaram cercear o nariz, porque ele já está lá, é o órgão sexual por excelência, não brocha nunca.

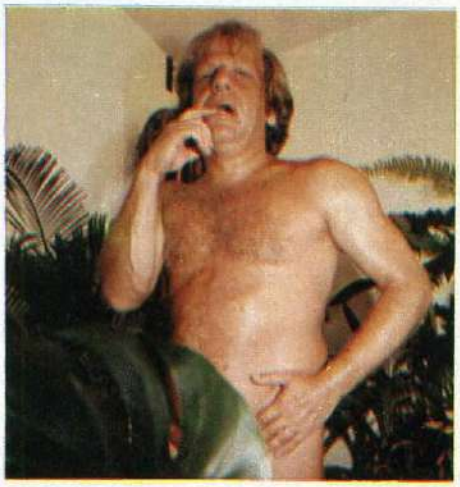
É verdade. Uma vez, forçado pela intensidade da libido que meu membro despertava, procurei um cirurgião plástico. Queria modificá-lo, ao que o médico respondeu: "melhor que isto não fica: você deve se acostumar ao assédio das mulheres e não pode, nem deve, esconder um dom da própria natureza." Aí eu tive que me conformar. E acabei me orgulhando dele. Hoje, quando tenho algum problema, não vou ao otorrinolaringologista, não. Vou mesmo a uma ginecologista. As ginecologistas não estranham, entendem os meus cuidados com o membro. Pegam-no com carinho, apalpam-no, colocam aqueles espéculos para olhar por dentro e, embora eu morra de vergonha, não posso deixar de me sentir excitado. Por isto, não vou a um urologista. O que é um urologista? Um médico acostumado a pegar em pau. Não vou querer aquela mão conspurcada no meu órgão vital, meu sensível nariz.

Por ser muito suscetível às emoções, ele me faz passar freqüentes vexames. Estou na praia e escuto um comentário malicioso: "Pô, já está aquele cara excitado de novo." Não é dada disto, eu não estou excitado, penso naquele momento, romanticamente, num pôr-de-sol e o bicho tá ali, me nariz-durando para todos, me colocando em situação delicada As pessoas ostentam as mais diversas reações ante meu ato de exibicionismo. Algumas mulheres ficam com raiva dos maridos que têm os seus órgãos pequenininhos. Outras demonstram asco, timidez, ou espanto. A gente repara quando, ao cumprimentar, uma mulher abaixa os olhos, com medo de revelar aquele olhar de sexo. Já os homens têm ciúme, inveja ou admiração. Os moralistas me encaram com desdém. Outro dia, dei com um destes Pedros de Lara da vida, que me atacou de verbo em punho:

— Imoral! Indecente! Como permitem que uma aberração desta esteja aí, na frente de todos?

Com uma capacidade excepcional para cheirar, perceber odores, nós, os sdruwianos, nos aproximamos mais do cio animal. No cachorro, todos sabem que a parte mais importante é o nariz, por onde ele detecta o sexo, por onde verifica se a cadela está no cio. Eu possuo esta faculdade de cheirar para saber. Se uma mulher está *no cio*, o cheiro característico deixa o nariz logo vermelho, com sensações voluptuosas, como se houvesse uma droga dentro dele. Odores os mais diversos funcionam, obviamente, de modo diferente: o incenso indiano o acalma, o éter o excita, tanto quanto o delicioso cheiro do sexo. O rapé, por exemplo, foi a cocaína dos anos 30. Usava-se o rapé para espirrar. E, claro, para gozar.

> "O nariz é o órgão sexual por excelência. Está sempre em posição"



Neste tempo e isto tem uma relação estreita com os hábitos da sociedade no sentido de *desenvolver* o nariz através do rapé e de outros aditivos surgiram os mestres do sexo, Casanova, Sade. Mas, lamentavelmente, após o auge da sexologia — na qual os franceses foram altos expoentes — a sociedade parece ter regredido e o sexo voltou a ser unicamente genital. Os homens voltaram a considerar o nariz um mero órgão no meio da cara. E um órgão destes fica a descoberto — e talvez isto tenha contribuído para sua desvalorização — impudicamente.

Apenas os médicos e os bandidos apresentam um pouco de pudor e cobrem seus narizes. Por que o médico usa máscara para operar uma mulher? Porque sabe que o nariz vai ficar duro. Mas este nosso apêndice facial se prova superior em vários lances. Por exemplo, você não fica preocupado no instante do ato sexual, não há risco de gravidez, não há necessidade de pílula anticoncepcional. Não, este órgão é inócuo, independente, auto-suficiente, não precisa de recursos extras para sua satisfação. Deus acerta no que faz. Me deu dez dedos pequenos, mas um nariz grande. O que eu ia fazer, afinal, com os dedos? Só tocar piano, violão, contar dólares, coisas na vida mundana perfeitamente dispensáveis, sem valor algum.

Bom mesmo é o nariz. No fundo, no fundo, os homens cultivam uma certa consciência, um certo respeito em relação a ele: dos tecidos que veste, o mais fino destina ao nariz, sob a forma de lenço. Note bem: o homem utiliza um tecido grosso para a cueca, mas uma trama delicada para o lenço. Ao entrar numa loja para comprar lenços de cambraia, pergunto com cuidado:

"A senhora tem lenços?"

As mais velhas se ruborizam, indicam o vendedor-homem para atender-me, ou então jogam o material (sexual) em cima do balcão, quase com nojo. Hoje, as *sex-shops* de Paris estão vendendo, com bastante sucesso, lenços. E muitos homens já estão seguindo esta teoria — são os narizetas. Surgem expressões como: "Olha que *nariz-mole!*", o que significa: "Olha que palerma", "esse cara não está com nada"

Entre os afrodisíacos para o membro, além de outro nariz, estão aqueles órgãos antigos das mulheres, que, embora superados, continuam válidos. No caso de pessoas arcaicas, como eu. Porque, modernamente, o que mais excita um homem vem sendo o nariz de outro homem, principalmente os de cantores e jornalistas.

Eu sou daqueles que acreditam no sexo no rosto, no sexo frontal, cara a cara, *cheek to cheek*, *nose to nose*, para

não dizer *tête-à-tête*. Quanta sensualidade existe, ainda, no beijo esquimó, onde o roça-roça dos narizes é o antecedente da cama. Sem falar numa boa cafungada ao pé do ouvido, especialmente também dos baianos:

"Me dá um cheiro no cangote, nego?"

Os animais que possuem narizes compridos são os que fazem mais sucesso. O tucano, por exemplo, é uma ave erótica. Eu já tive um casal de tucanos — Cyrano e Bergerac que se amava pelo nariz. As passarinhas, quando vêem um tucano, ficam logo com o rabinho empinado. Cheguei até a fazer uma pesquisa sobre eles. No início, pensava que era judeus por causa do apêndice exagerado, pontudo. Mais tarde, descobri que, como não tinham interesses financeiros no mundo, nem interferiam na minha carreira artística como meus patrícios fazem —, não o eram.

Você deve estar curioso para saber como a natureza criou este legítimo exemplar de Sdruws. A história do meu nascimento — em verdade vos digo — já mostraria a minha condição de privilegiado. Não é bem uma história, mas uma lenda. Diz-se que minha mãe passeava pelo bosque, e de repente deu com o anjo Sdruws com a cara do meu pai, dizendo:

"Nasça o filho mais erótico do Brasil!"

Outra versão conta que, à hora do batizado, o padre, em lugar da água benta, teria aspergido um pó brando que eu, fungando, identifiquei como fermento. E daí o membro não parou de crescer. Já minha governanta afirmava que, desde pequeno, eu gostava muito de esfregar a chupetinha assim entre a boca e o nariz, fazendo com que o segundo ficasse sempre duro, excitado, o que era um escândalo. E as primeiras masturbações eu executei com o inevitável lenço.

Na escola, primeiro dia de aula, primeira fila era o menorzinho —, a professora chegou perto e agarrou meu membro:

— Narizinho assanhado! disse, notando que ele estava quente e vermelho.

Entusiasmado, alguns dias depois eu me atreveria a um ato de coragem:

Professora, estou vendo seus pés!

E ela me suspendeu por um mês. Eu voltei da suspensão e observei:

— Professora, estou vendo seu tornozelo.

— Você está afastado por 15 dias ordenou, implacável. Retornando à classe, avisei:

Professora, estou vendo suas pernas. E ela me deu um mês e meio. Quando terminou o período de castigo, entrei na sala de aula e não demorou muito para que eu comunicasse, em definitivo:

— Professora, adeusinho para sempre.

Até hoje, cultivo o fetiche de um beliscão no nariz, com a saudosa frase:

"Narizinho assanhado, hem?"

Assustou-me bastante, no último *sex-shop* que visitei — à entrada do Vaticano —, um tipo de vibrador com a forma de nariz, que espirrava, cheirava, fazia de tudo. É lógico que representa um recurso para os infelizes pouco dotados. Lembro-me que estava indo embora, quando um cara correu atrás de mim e me abordou com a pergunta:

"Quer vender a patente?"

Eu respondi que não, porque não estou a fim de comercializar o sexo. Não sou profissional, detesto as coisas profissionais. Mas a proposta foi incrível, em se tratando de que me ofereceram dez mil dólares, bem mais que um cachê meu de televisão, para cantar. Na hora, pensei: sou um ator dramático, quero vencer pelo meu próprio esforço — não comercializando um atributo sexual meu, me fazendo de objeto vendável. Eu não preciso disto e a minha chance chegará no dia em que me derem um programa de televisão. Por enquanto, fico até irritado com os fotógrafos que vêm aqui em casa e insistem em me fotografar só de perfil. Admito até que um dia, quando a minha profissão estiver na pior, pode ser que eu me prostitua, mande fazer moldes do meu nasal e me poste nas ruas. Conheço um que começou como camelô se ele vendia seu sorriso, que mal há em vender o meu nariz? e construiu um império. É Sílvio Santos. E você sabe que o sorriso, a boca não chegam aos pés do nariz, em termos de sensualidade. O sorriso resulta apenas de um orifício que se abre no rosto; o olho é uma parte que se fecha. A orelha não abre nem fecha, já é vazada.

Nariz é algo especial, um órgão sempre à frente, que nunca mergulha na penumbra. Na Itália, onde fizeram uma versão da minha música *Nasal Sensual*, as pessoas me apontam na rua:

"*Lei non è quello del naso?*" (Esse não é o cara do nariz?)

Pois os italianos, um povo essencialmente erótico, associam as lembranças aos órgãos sexuais das personalidades. Eles recordam o peito da Lollobrigida e o meu nariz. E os grandes homens mostravam grandes narizes. Cristo veio com apêndice considerável. Só quando foram pintá-lo, mais tarde, como cristão, inventaram aquele nariz pequeno, sem graça. Agora, originalmente, como judeu, tinha é claro — um interessante órgão. Veja De Gaulle, estadista; e João Figueiredo, o nosso presidente. As diferenças de narizes na liderança são óbvias. Não nos esqueçamos também de Da Vinci e dos gregos.

Acabo de me lembrar de uma história dos tempos de criança. Um conto de fadas que me contava a erótica governanta, para eu dormir: Pinóquio um dia, com medo, se escondeu embaixo da fadinha. E perguntou:

— Estou vendo um tunelzinho, posso me esconder?

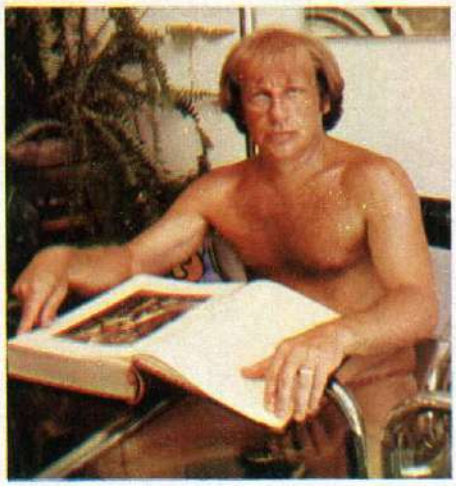
Aí a fadinha, mais que depressa, respondeu:

— Pode, Pinoquinho.

E, quando Pinóquio já havia achado o seu lugar, acrescentou a fada:

— Agora, conta uma mentirinha. □

"Pode ser que eu um dia me prostitua e mande fazer moldes do meu nariz"



Rede Philips de Televisão. Um espetáculo de imagem e som.

Respeitável público, a Rede Philips de Televisão reuniu os melhores avanços da tecnologia para produzir um espetáculo de imagem e som.

A incrível Tecla Verde, o fantástico Controle Remoto Total, a espantosa Imagem Instantânea, o inigualável cinescópio Hi-Bri e a sensacional tecla VCR.

O resultado de toda essa tecnologia, reunida num só televisor, é um show maravilhoso, é o maior espetáculo da Terra.

Tecla Verde: Só nos televisores da Rede Philips você encontra a Tecla Verde. Um simples toque nessa tecla ativa a memória eletrônica que regula automaticamente as cores, o brilho e o som. Como se fosse num passe de mágica.

tecla verde

Controle Remoto. Quem tem Philips com controle remoto sente-se o próprio apresentador de circo. Pode controlar todo o espetáculo de maneira fácil e confortável. O controle remoto total da Philips começa e encerra o espetáculo. Isto é, liga e desliga o televisor Muda de um canal para outro. E, como se fosse o diretor de iluminação ou o maestro da bandinha musical, regula as cores, o brilho e o som. Tem até mesmo a Tecla Verde com sua memória eletrônica. E, já que tudo isso é controlado a distância, parece que você é mestre em telepatia.

CF controle remoto

Imagem Instantânea: O espetáculo já está começando e você ainda não chegou. Está preso no trânsito, precisa estacionar o carro e escolher um bom lugar para sentar Com Philips você ganha tempo. Ligou, a imagem é instantânea. Philips é como um trapezista de circo. Não precisa fazer aquecimento antes de ir para o ar

II Imagem Instantânea

Hi-Bri: A Rede Philips de Televisão, como todos sabem, é um espetáculo de imagem e som. Um dos principais responsáveis por esse espetáculo é o cinescópio Hi-Bri. As cores passam tão juntinhas que não sobra espaço para aquela luz incolor que só atrapalha a visão.

hi bri HIGH BRIGHTNESS

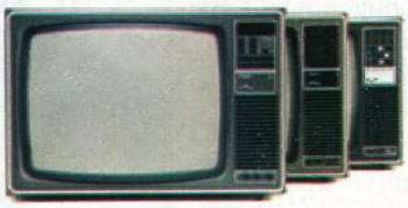
Com o cinescópio Hi-Bri você vê apenas o show. Com todo o brilho que ele tem.

VCR. A Rede Philips de Televisão já está preparada para receber atrações de fora do país. É o caso dos vídeo-cassetes. Em muitos países isso já é uma realidade. Em pouco tempo eles estarão também no Brasil. A tecla VCR permite que esses aparelhos sejam ligados no seu Philips 20. Com o vídeo - cassete você pode pedir bis do número de que você mais gostar

VCR VIDEO CASSETTE RECORDING

É a tecnologia do futuro!

REDE PHILIPS DE TELEVISÃO



Standard

PHILIPS

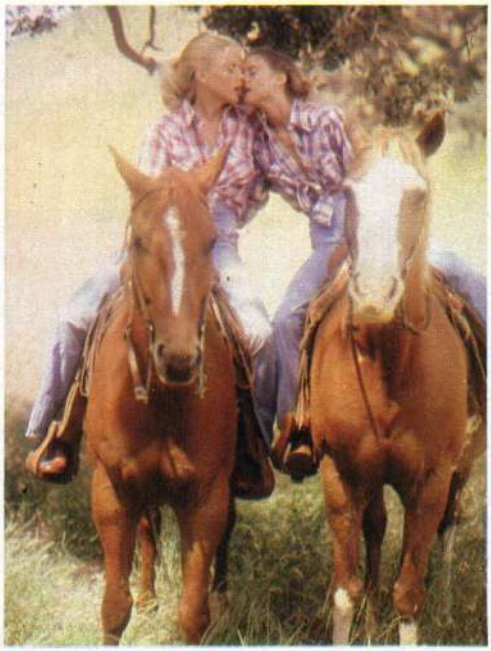
Um espetáculo de imagem e som.

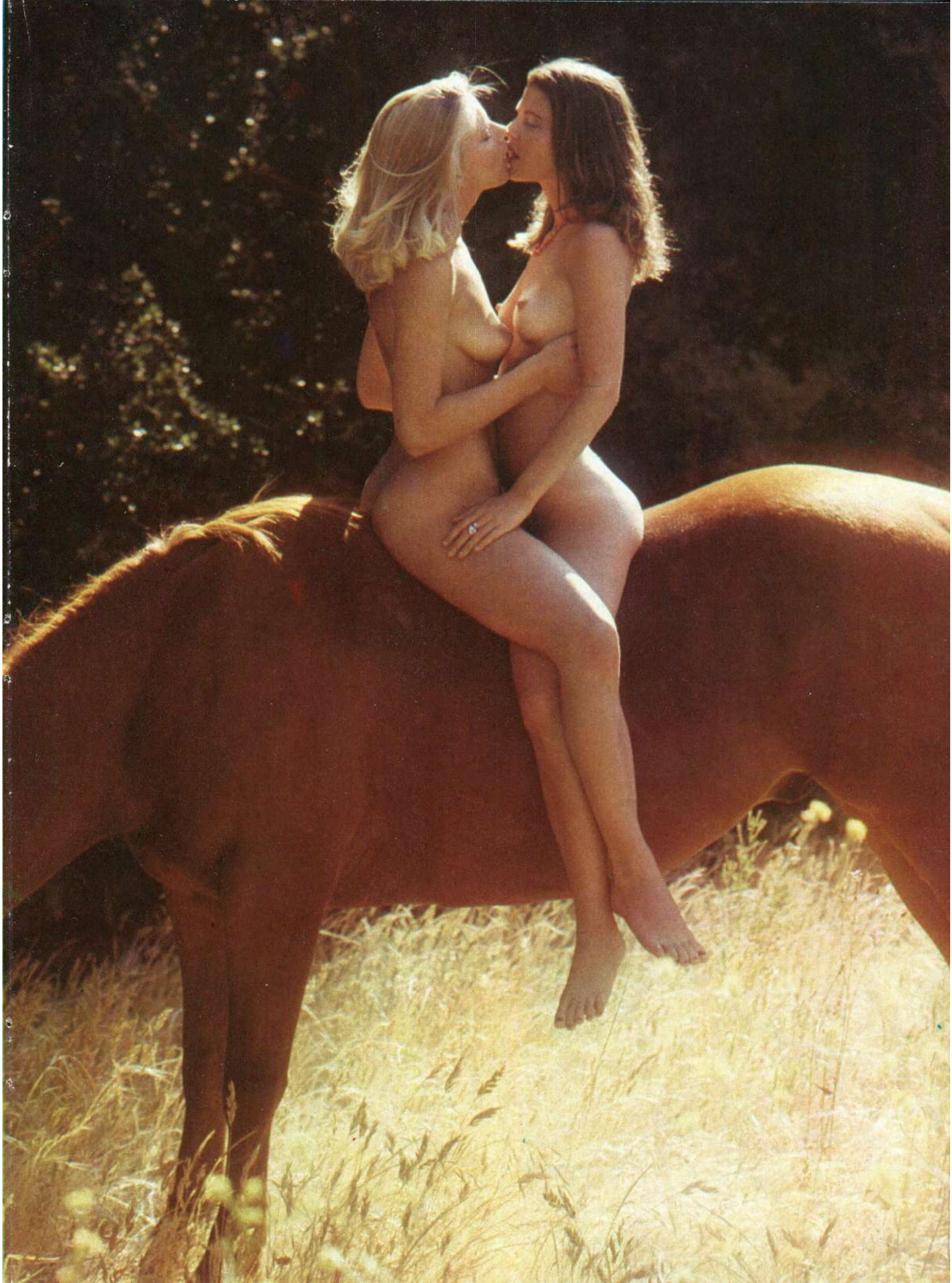
PHILIPS

Debbie & Nancy

Fotos de Siwer Ohlsson

O próprio ato de cavalgar já é um exercício de sensualidade. Principalmente para duas jovens puros-sangues, que se sentem bem a sós na natureza, tendo como único companheiro o vento, a balançar os cabelos e fazer ruídos nos ouvidos. A força animal se transmite de corpo a corpo, numa corrente contínua que possui como pontos de origem e partida o despir das roupas, o entreabrir das pernas, o roçar de pele contra pele e o contato das bocas. Nancy e Debbie procuram o natural, no campo, no dorso de um animal puro-sangue como elas.

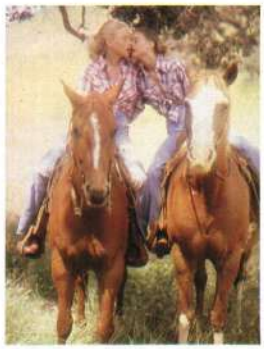


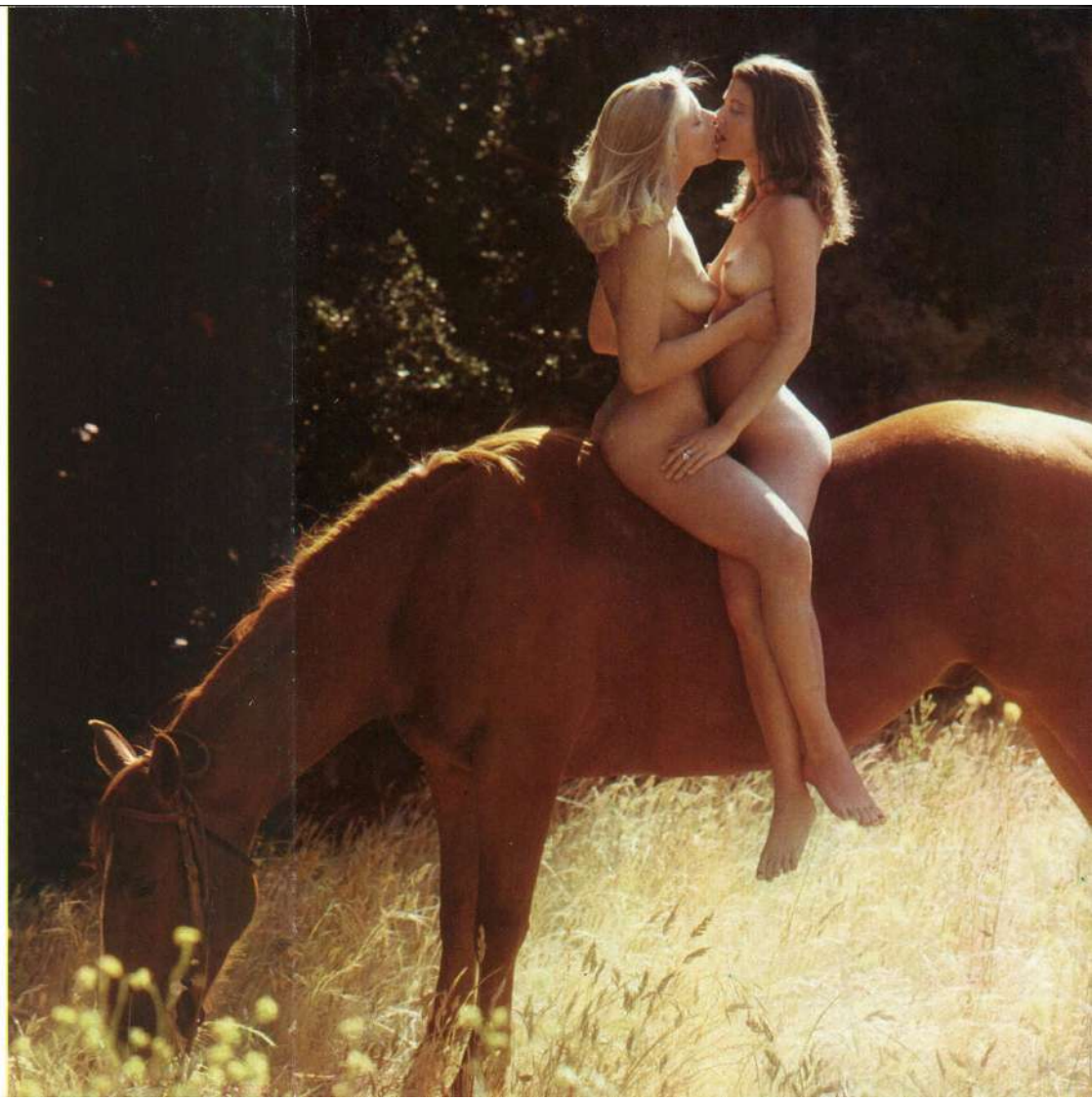


Debbie & Nancy

Fotos de Siwer Ohlsson

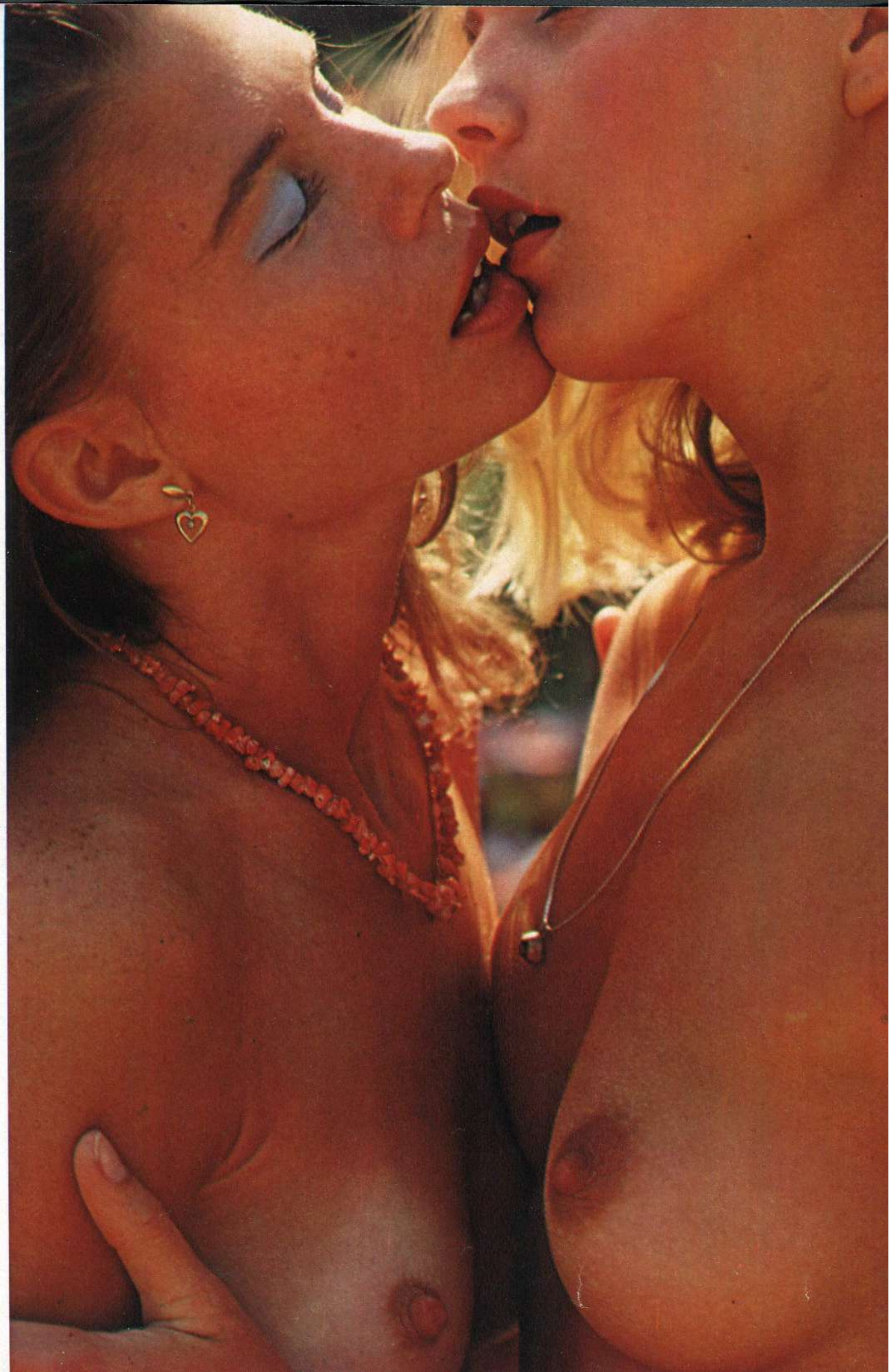
O próprio ato de cavalgar já é um exercício de sensualidade. Principalmente para duas jovens puros-sangues, que se sentem bem a sós na natureza, tendo como único companheiro o vento, a balançar os cabelos e fazer ruídos nos ouvidos. A força animal se transmite de corpo a corpo, numa corrente contínua que possui como pontos de origem e partida o despir das roupas, o entreabrir das pernas, o roçar de pele contra pele e o contato das bocas. Nancy e Debbie procuram o natural, no campo, no dorso de um animal puro-sangue como elas.





❛ Descobrimos,
cultivamos e
exploramos esta força
estranha que dentro de nós
frutifica ❜

“Quando se procura o natural, ele vem sempre a galope”



MODELOS DE CLASS

Por José Lago
Fotos de Mituo Shiguihara (SP).
Antônio Rudge e José Lago

QUANDO o francês Nicholas Cugnot, há 211 anos, construiu o primeiro automóvel, para atender a encomenda do ministro da Guerra de Luís XV, o Marquês de Choiseul, certamente não previa a motorização da humanidade, que se iniciaria cem anos depois. O fato é que a engenhoca de Cugnot decepcionou no dia de seu primeiro teste, na demonstração de suas qualidades ao cliente, o General de Gribeauval, comandante da artilharia e dono dos canhões de mais de 20 arráteis que a máquina de fogo devia rebocar. Cugnot, à direção, perdeu o domínio do trator, e levou de arrasto os muros, pilastras e portões do Quartel Real de Vincennes. A encomenda foi cancelada, e o inventor esquecido. Mas estava iniciada a era das carruagens sem cavalos e, por conseqüência, do automóvel e da motorização, embora os canhões de Gribeauval continuassem sendo puxados pelos excelentes cavalos percherões. Cento e nove anos depois da morte de Cugnot, porém, ele teria o reconhecimento público de seu feito, quando o presidente da República Francesa, Poincaré, em 10 de outubro de 1913, inaugurou uma estátua do inventor.

Contudo, quem passou por pai do automóvel durante a primeira década do século XX foram os alemães Gottlieb Daimler e Karl Benz, que, trabalhando independentemente, chegaram ao carro como ele é hoje (ou mais ou menos isso). Paralelamente, do outro lado do Atlântico, Ranson E. Olds fazia um trabalho parecido, adaptando uma caleça com um motor a benzina que ficou conhecido como Oldsmobile Curved-Dash. E Henry Ford se preparava para iniciar a revolução industrial, enquanto os irmãos Renault, o Conde de Dion e seu mecânico Bouton faziam carros so-

BUICK 1927, da coleção de Og Pozolli, talvez a maior do Brasil, e certamente a mais organizada. Este Buick, com seu motor de oito cilindros, foi o regalo dos *mobleaders* dos *roarin twenties*. A Buick Motor Car foi fundada em 1903 por David Buick e passou a integrar o grupo General Motors logo a seguir. Este foi um dos primeiros carros americanos a ter freios na dianteira

E É NOSTALGIA

ele AUTOMÓVEIS

MODELOS DE CLASSE E NOSTALGIA

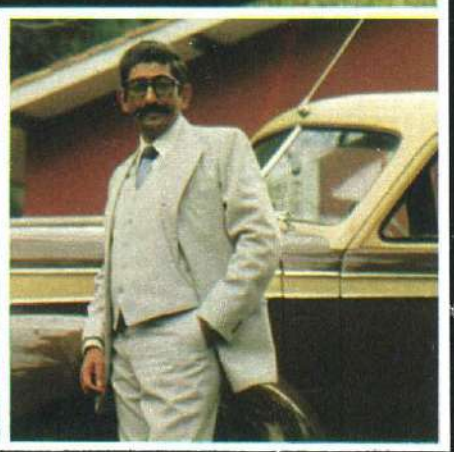
Por José Lago
Fotos de Mituo Shiguihara (SP), Antônio Rudge e José Lago

QUANDO o francês Nicholas Cugnot, há 211 anos, construiu o primeiro automóvel, para atender a encomenda do ministro da Guerra de Luís XV, o Marquês de Choiseul, certamente não previa a motorização da humanidade, que se iniciaria cem anos depois. O fato é que a engenhoca de Cugnot decepcionou no dia de seu primeiro teste, na demonstração de suas qualidades ao cliente, o General de Gribeauval, comandante da artilharia e dono dos canhões de mais de 20 arrâteis que a máquina de fogo devia rebocar. Cugnot, à direção, perdeu o domínio do trator, e levou de arrasto os muros, pilastras e portões do Quartel Real de Vincennes. A encomenda foi cancelada, e o inventor esquecido. Mas estava iniciada a era das carruagens sem cavalos e, por conseqüência, do automóvel e da motorização, embora os canhões de Gribeauval continuassem sendo puxados pelos excelentes cavalos percherões. Cento e nove anos depois da morte de Cugnot, porem, ele teria o reconhecimento público de seu feito, quando o presidente da República Francesa, Poincaré, em 10 de outubro de 1913, inaugurou uma estátua do inventor.

Contudo, quem passou por pai do automóvel durante a primeira década do século XX foram os alemães Gottlieb Daimler e Karl Benz, que, trabalhando independentemente, chegaram ao carro como ele é hoje (ou mais ou menos isso). Paralelamente, do outro lado do Atlântico, Ranson E. Olds fazia um trabalho parecido, adaptando uma caleça com um motor a benzina que ficou conhecido como Oldsmobile Curved-Dash. E Henry Ford se preparava para iniciar a revolução industrial, enquanto os irmãos Renault, o Conde de Dion e seu mecânico Bouton faziam carros so-

BUICK 1927, da coleção de Og Pozoli, talvez a maior do Brasil, e certamente a mais organizada. Este Buick, com seu motor de oito cilindros, foi o regalo dos *mobleaders* dos *roarin twenties*. A Buick Motor Car foi fundada em 1903 por David Buick e passou a integrar o grupo General Motors logo a seguir. Este foi um dos primeiros carros americanos a ter freios na dianteira

OS irmãos Henry e Clem Studebaker tinham uma fábrica de carruagens em South Bend, Indiana, desde 1852, e seus descendentes acharam que seria um bom negócio continuar fazendo carruagens sem cavalos a partir de 1902. Os automóveis da marca Studebaker eram movidos a eletricidade, com baterias, e o primeiro a ter motor a gasolina saiu em 1904. Na foto, uma baratinha de 1941, e, no quadro, o dono da coleção, Og Pozolli, um norte-rio-grandense que ganha dinheiro fazendo impermeabilização de prédios em São Paulo e gasta, quase tanto quanto ganha, comprando sucatas e restaurando-as.



A Fábrica Italiana Automobili Torino, FIAT, fundada em 1899, sucedeu, em 1906, a FIAT SpA. Desde o início, tal como a Ford, ela pertence a uma única família, Agnelli, e já se dizia que era um colosso na primeira década do século XX. Seus carros ganhavam corridas na Europa, nos Estados Unidos e até no Brasil (Chico Landi, em 1935, venceu uma prova com um Fiat 535). O carro da foto, também da coleção Og Pozolli, é uma berlina tipo 509 A, de quatro portas e motor de 990cm³ de cilindrada, sem freios nas rodas dianteiras nem pretensões a competir.

mente pelo prazer de vê-los ganhar corridas. Já então começavam as diferenças básicas entre europeus e americanos: uns queriam ganhar dinheiro, e os outros divertir o número cada vez mais reduzido de aristocratas disponíveis.

Mesmo os carros de Daimler e Benz eram feitos unidade por unidade, enquanto antes mesmo de 1900 os Oldsmobile saíam de linhas de montagem e depois os Ford começaram a ser produzidos em massa. Os franceses e alemães estavam dispostos a atender pedidos extravagantes de seus clientes, ao passo que Henry Ford vendia seus automóveis por 250 dólares.

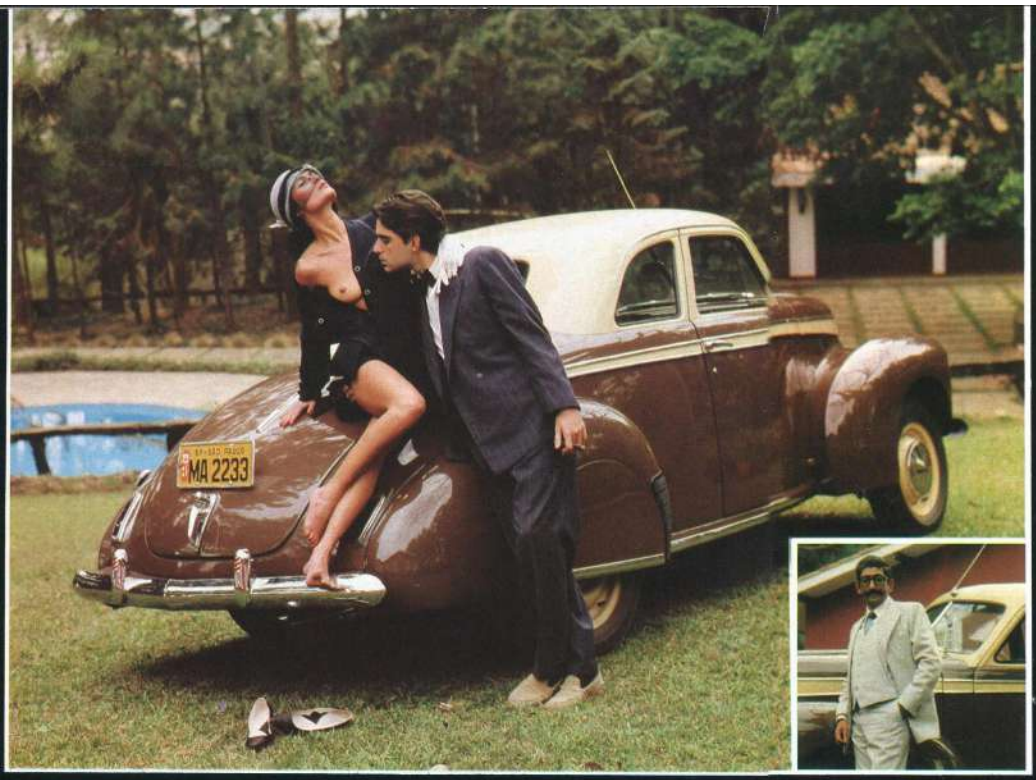
Enquanto os carros europeus faziam figura em disputas, os americanos utilizavam os seus para vencer as estradas de terra do país. Em Paris, carros elétricos empenhavam-se em ganhar o prêmio instituído pelo *Petit Journal*, e em 1899 chegaram a passar a barreira dos 100 quilômetros por hora, no Parque d'Achers, quando o belga Camile Jenatze estabeleceu 105,850km/h em seu torpedo sobre rodas, batizado de *Jamais contente*, em homenagem à sua sogra. Mas essa marca seria logo depois batida por Arthur Duray, num carro a gasolina Gobron Brilé, de 13,5 litros de cilindrada, correndo a 136km/h. Começava a guerra dos combustíveis, e outro francês, Frank Marriot, usando um Stanley a vapor nas praias de Daytona (Estados Unidos), passava a marca dos 200 quilômetros horários (205,718km/h) em 1906. Os carros a vapor eram, então, considerados perigosos, e por isso não foram adiante, apesar de suas excelentes *performances*.

Até o fim da primeira década do século, os automóveis — alguns já muito sofisticados, como as Voiturettes Renault e os Panhard & Lavassor, na França, e Benz e Daimler na Alemanha — disputavam as ruas e praças com as carruagens e os cavalos. Eram brinquedos caros que exigiam muito preparo físico para tocar manivela, trocar pneus que estouravam quase a cada 10 quilômetros e mesmo para mexer a direção e deslocar as rodas dos monstros de mais de três toneladas. Frear, então, era uma odisséia: as alavancas, fora das cabines, acionavam tirantes que faziam encostar primitivas sapatas em tambores nas rodas traseiras. Os automobilistas do início do século estavam sempre sujos de graxa e cheirando a gasolina. Havia até uniforme para andar de carro: guarda-pó, botas, boné, lenços para o pescoço e óculos de neve para os homens; coisas muito parecidas para as damas, e mais as saias *frufru*, da *belle époque*.

Daí até o fim da I Guerra Mundial, carrões só a Europa sabia fazer. Para se ter uma idéia da defasagem dos dois mundos, em 1910 Barney Oldfield foi buscar na Alemanha um Blitzen-Benz de 21,5 litros e 200 HP para estabelecer, em Daytona, o recorde 211,937km/h, que permaneceria até 1924, quando René Thomas, com um Delage (francês) de 10,7 litros e 350HP, chegou, em Arpajon, à incrível (para a época) velocidade de 230,565km/h. Mas os americanos tinham ido à guerra e aprenderam a fazer os seus carrões. Bem devagar, é certo. Tanto que os carros franceses e alemães foram substituídos pelos ingleses na disputa de recordes, e só em 1937 um carro americano quebrou a marca de velocidade: foi o Thunderbolt, de George Eyston, nas planícies salgadas de Salt Lake, Utah, com 502km/h.

A idéia de colecionar carros antigos nasceu na Inglaterra, e logo se fundou um clube. Há quem diga que bastam três ingleses para formar um clube. E é essa instituição, o Veteran Car Club, que coordena até hoje a atividade de todos os colecionadores do mundo, havendo, no Brasil, um de seus capítulos, fundado há cerca de 20 anos por Roberto Eduardo Lee e com ramificações em diversos Estados. Lee iniciou uma campanha junto às autoridades para proibir a exportação de toda peça fabricada até 1940; e sua idéia virou lei. Hoje não há mais possibilidade de carros antigos saírem do Brasil para enriquecer coleções americanas e européias, coisa antigamente corriqueira.

No Brasil, o Veteran Car Club funciona muito bem em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte, e existe no Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e Pernambuco. A atividade do VCC/BR de São Paulo vai de um concurso anual de elegância a passeios a Campos do Jordão e outras cidades e estâncias de férias próximas. No Paraná, o clube foi mais longe: faz os passeios e mais um salão bienal do carro antigo, aberto a todos os colecionadores do Brasil. No último salão, realizado em julho, havia peças de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Uma festa de classe e nostalgia.



OS irmãos Henry e Clem Studebaker tinham uma fábrica de carruagens em South Bend, Indiana, desde 1852, e seus descendentes acharam que seria um bom negócio continuar fazendo carruagens sem cavalos a partir de 1902. Os automóveis da marca Studebaker eram movidos a eletricidade, com baterias, e o primeiro a ter motor a gasolina saiu em 1904. Na foto, uma baratinha de 1941, e, no quadro, o dono da coleção, Og Pozolli, um norte-rio-grandense que ganha dinheiro fazendo impermeabilização de prédios em São Paulo e gasta, quase tanto quanto ganha, comprando sucatas e restaurando-as.

À Fábrica Italiana Automobili Torino, FIAT, fundada em 1899, sucedeu, em 1906, a FIAT SpA. Desde o início, tal como a Ford, ela pertence a uma única família, Agnelli, e já se dizia que era um colosso na primeira década do século XX. Seus carros ganhavam corridas na Europa, nos Estados Unidos e até no Brasil (Chico Landi, em 1935, venceu uma prova com um Fiat 535). O carro da foto, também da coleção Og Pozolli, é uma berlina tipo 509 A, de quatro portas e motor de 990cm³ de cilindrada, sem freios nas rodas dianteiras nem pretensões a competir.

mente pelo prazer de vê-los ganhar corridas. Já então começavam as diferenças básicas entre europeus e americanos: uns queriam ganhar dinheiro, e os outros divertir o número cada vez mais reduzido de aristocratas disponíveis.

Mesmo os carros de Daimler e Benz eram feitos unidade por unidade, enquanto antes mesmo de 1900 os Oldsmobile saíam de linhas de montagem e depois os Ford começaram a ser produzidos em massa. Os franceses e alemães estavam dispostos a atender pedidos extravagantes de seus clientes, ao passo que Henry Ford vendia seus automóveis por 250 dólares.

Enquanto os carros europeus faziam figura em disputas, os americanos utilizavam os seus para vencer as estradas de terra do país. Em Paris, carros elétricos empenhavam-se em ganhar o prêmio instituído pelo *Petit Journal*, e em 1899 chegaram a passar a barreira dos 100 quilômetros por hora, no Parque d'Achers, quando o belga Camile Jenatze estabeleceu 105,850km/h em seu torpedo sobre rodas, batizado de *Jamais contente*, em homenagem à sua sogra. Mas essa marca seria logo depois batida por Arthur Duray, num carro a gasolina Gobron Brilé, de 13,5 litros de cilindrada, correndo a 136km/h. Começava a guerra dos combustíveis, e outro francês, Frank Marriot, usando um Stanley a vapor nas praias de Daytona (Estados Unidos), passava a marca dos 200 quilômetros horários (205,718km/h) em 1906. Os carros a vapor eram, então, considerados perigosos, e por isso não foram adiante, apesar de suas excelentes *performances*.

Até o fim da primeira década do século, os automóveis — alguns já muito sofisticados, como as Voiturettes Renault e os Panhard & Lavassor, na França, e Benz e Daimler na Alemanha — disputavam as ruas e praças com as carruagens e os cavalos. Eram brinquedos caros que exigiam muito preparo físico para tocar manivela, trocar pneus que estouravam quase a cada 10 quilômetros e mesmo para mexer a direção e deslocar as rodas dos monstros de mais de três toneladas. Frear, então, era uma odisséia: as alavancas, fora das cabines, acionavam tirantes que faziam encostar primitivas sapatas em tambores nas rodas traseiras. Os automobilistas do início do século estavam sempre sujos de graxa e cheirando a gasolina. Havia até uniforme para andar de carro: guarda-pó, botas, boné, lenços para o pescoço e óculos de neve para os homens; coisas muito parecidas para as damas, e mais as saias *frufru*, da *belle époque*.

Daí até o fim da I Guerra Mundial, carrões só a Europa sabia fazer. Para se ter uma idéia da defasagem dos dois mundos, em 1910 Barney Oldfield foi buscar na Alemanha um Blitzen-Benz de 21,5 litros e 200 HP para estabelecer, em Daytona, o recorde 211,937km/h, que permaneceria até 1924, quando René Thomas, com um Delage (francês) de 10,7 litros e 350HP, chegou, em Arpajon, à incrível (para a época) velocidade de 230,565km/h. Mas os americanos tinham ido à guerra e aprenderam a fazer os seus carrões. Bem devagar, é certo. Tanto que os carros franceses e alemães foram substituídos pelos ingleses na disputa de recordes, e só em 1937 um carro americano quebrou a marca de velocidade: foi o Thunderbolt, de George Eyston, nas planícies salgadas de Salt Lake, Utah, com 502km/h.

A idéia de colecionar carros antigos nasceu na Inglaterra, e logo se fundou um clube. Há quem diga que bastam três ingleses para formar um clube. E é essa instituição, o Veteran Car Club, que coordena até hoje a atividade de todos os colecionadores do mundo, havendo, no Brasil, um de seus capítulos, fundado há cerca de 20 anos por Roberto Eduardo Lee e com ramificações em diversos Estados. Lee iniciou uma campanha junto às autoridades para proibir a exportação de toda peça fabricada até 1940; e sua idéia virou lei. Hoje não há mais possibilidade de carros antigos sairem do Brasil para enriquecer coleções americanas e européias, coisa antigamente corriqueira.

No Brasil, o Veteran Car Club funciona muito bem em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte, e existe no Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e Pernambuco. A atividade do VCC/BR de São Paulo vai de um concurso anual de elegância a passeios a Campos do Jordão e outras cidades e estâncias de férias próximas. No Paraná, o clube foi mais longe: faz os passeios e mais um salão bienal do carro antigo, aberto a todos os colecionadores do Brasil. No último salão, realizado em julho, havia peças de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Uma festa de classe e nostalgia.

APESAR de ter sido apresentado em Curitiba, no último Salão Brasileiro do Automóvel Antigo, como uma peça do século passado, este carro da Chase Motor Truck é mais recente. A fábrica só começou a funcionar em 1907, fazendo um veículo que usava o mesmo chassi, rodas e o motor de dois cilindros refrigerado a ar em caminhões, *pick-ups* e automóveis de passeio. O proprietário deste carro, Deoclécio Gobinho Porto, vez por outra desfila com ele em Porto Alegre.

FUNDADA pelo criador do automóvel, Karl Benz, a Benz & Cie, de Manheim, Alemanha, fabricou carros de quatro cilindros e dois blocos até 1913. A partir de 1914, começaram os motores de 6 cilindros, mas sempre com dupla ignição (duas velas para cada cilindro). O exemplar da foto, muito raro no Brasil, é um modelo 1913 e, vazio, pesa mais de três toneladas. Tem faróis a carbureto com tanque de mistura no estribo direito e freios apenas nas rodas traseiras. No último concurso de elegância, ganhou para Affonso Casconi o troféu de ouro.

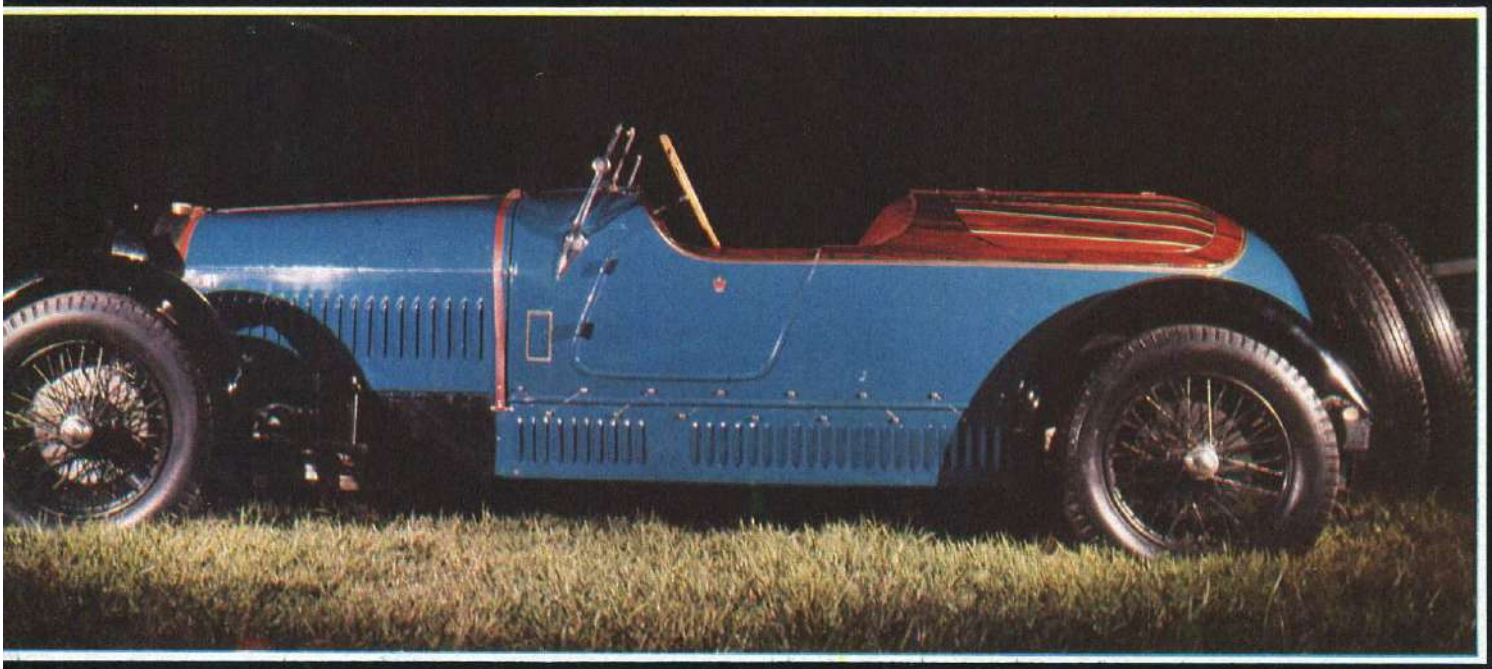
CORD era a marca de maior prestígio da Auburn Automobile, e foi o primeiro carro americano de tração dianteira a ter aceitação popular. Ele e os dois outros produtos da fábrica (Auburn e Duesemberg) formavam um trio de grande classe, mas este, por se destacar, levava o nome do dono da indústria, Erret Loban Cord. O modelo da foto é um 812 Supercharged com motor V8 de 195 HP, conversível. Sua grande novidade eram os faróis retráteis. O proprietário desta peça maravilhosa, Affonso Casconi, vive hoje numa chácara em Cotia e se diverte restaurando carros antigos.

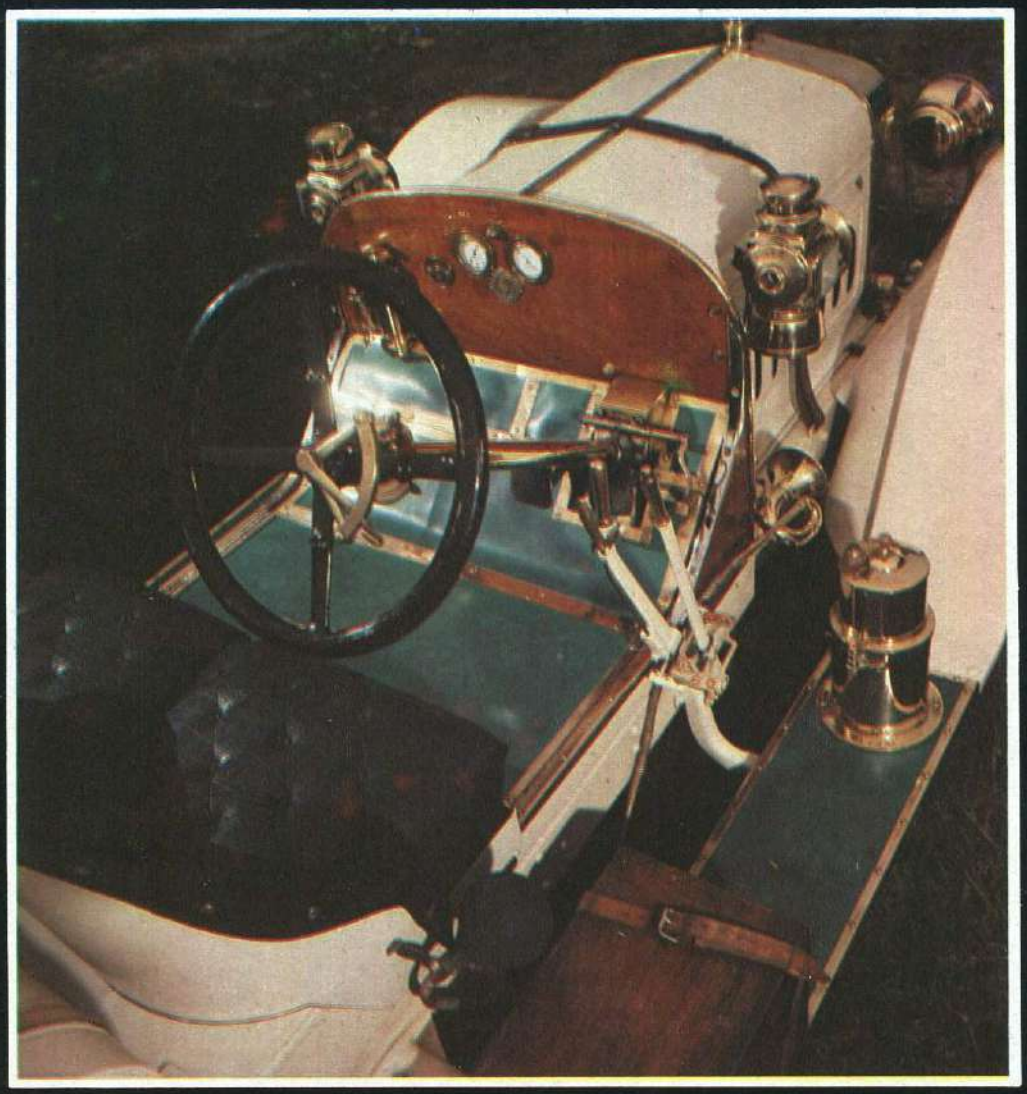
APESAR de ter sido apresentado em Curitiba, no último Salão Brasileiro do Automóvel Antigo, como uma peça do século passado, este carro da Chase Motor Truck é mais recente. A fábrica só começou a funcionar em 1907, fazendo um veículo que usava o mesmo chassi, rodas e o motor de dois cilindros refrigerado a ar em caminhões, *pick-ups* e automóveis de passeio. O proprietário deste carro, Deoclécio Gobinho Porto, vez por outra desfila com ele em Porto Alegre.

FUNDADA pelo criador do automóvel, Karl Benz, a Benz & Cie, de Manheim, Alemanha, fabricou carros de quatro cilindros e dois blocos até 1913. A partir de 1914, começaram os motores de 6 cilindros, mas sempre com dupla ignição (duas velas para cada cilindro). O exemplar da foto, muito raro no Brasil, é um modelo 1913 e, vazio, pesa mais de três toneladas. Tem faróis a carbureto com tanque de mistura no estribo direito e freios apenas nas rodas traseiras. No último concurso de elegância, ganhou para Affonso Casconi o troféu de ouro.

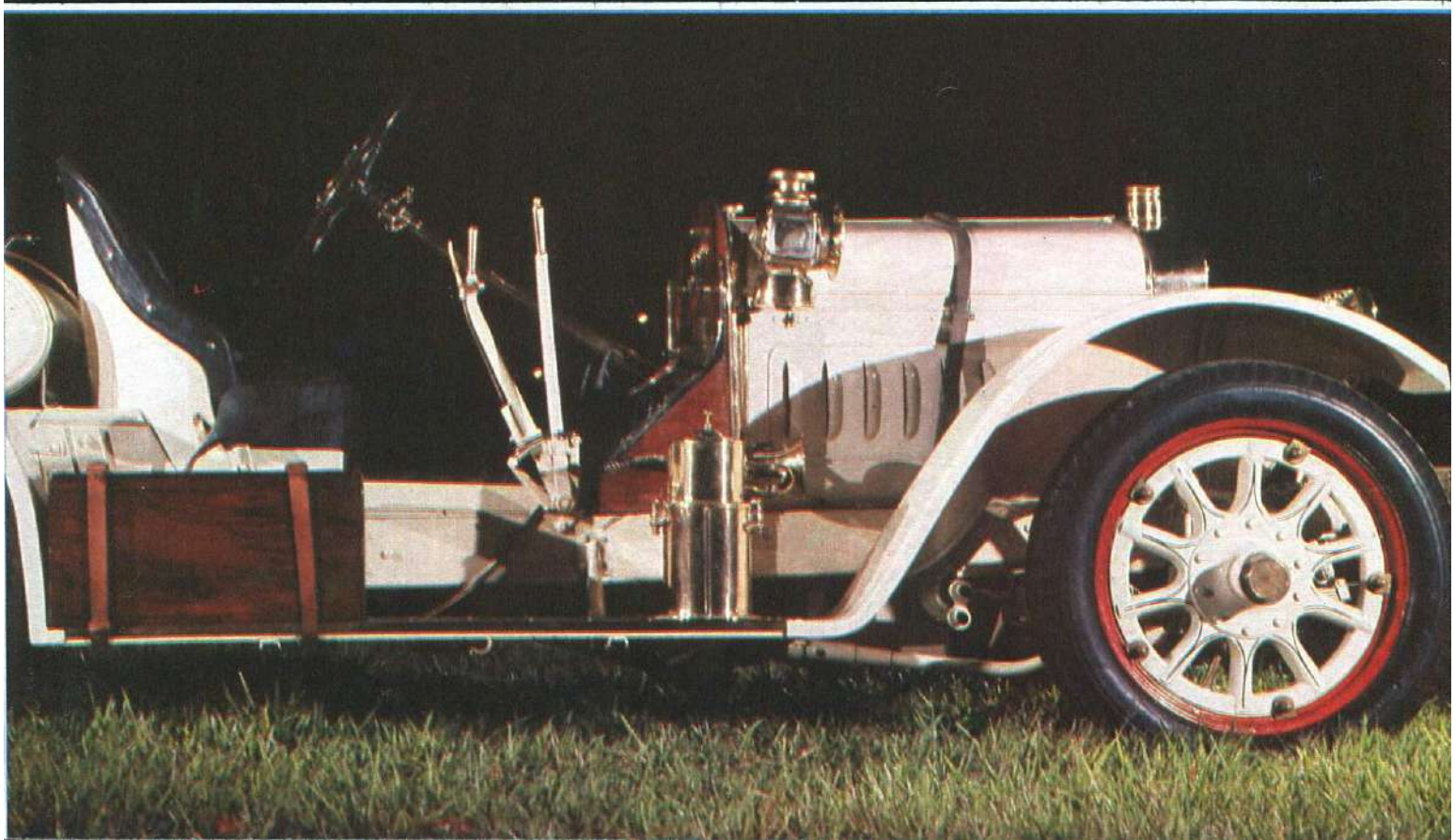
CORD era a marca de maior prestígio da Auburn Automobile, e foi o primeiro carro americano de tração dianteira a ter aceitação popular. Ele e os dois outros produtos da fábrica (Auburn e Duesemberg) formavam um trio de grande classe, mas este, por se destacar, levava o nome do dono da indústria, Erret Loban Cord. O modelo da foto é um 812 Supercharged com motor V8 de 195 HP, conversível. Sua grande novidade eram os faróis retráteis. O proprietário desta peça maravilhosa, Affonso Casconi, vive hoje numa chácara em Cotia e se diverte restaurando carros antigos.

MORRIS Garage era uma empresa onde se fabricavam carros de alto luxo, como as limusines Oxford e os táxis que tinham que acomodar um inglês grandalhão e sua cartola comprida. Cecil Kimber, o gerente da fábrica, queria fazer um carro esporte e não conseguia o consentimento de William Morris, dono da empresa. Daí partiu para as iniciais e usou os elementos mecânicos do Oxford. De lá para cá, os MG ganharam a simpatia dos automobilistas, que chegaram a fundar clubes de proprietários em várias partes do mundo. O da foto é da coleção de Ozires Stenguel, do Paraná.

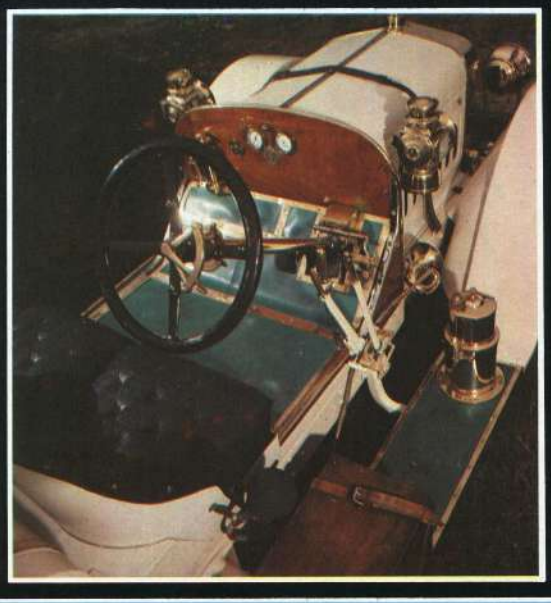




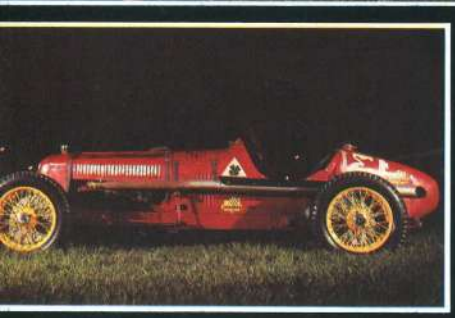
UMA coleção quase completa: a de Roberto Eduardo Lee, o fundador do Veteran Car Club do Brasil. Aqui, algumas de suas raridades: a Bugatti tipo 30, de 1925 (ao alto), e o Alfa Romeo P3, vermelho, que, num Grand Prix de São Paulo, provocou um acidente grave na Av. Estados Unidos, pilotado por Helé Nice, uma corredora francesa que veio disputar o circuito da Gávea de 1935. E o Spano Suiza Alfonso XIII, um dos raros exemplares de rodas com raios de madeira (fotos maiores). Tudo isto e mais outras peças de grande valor estão no Museu Paulista de Antiguidades Mecânicas, de Caçapava, aberto ao público.

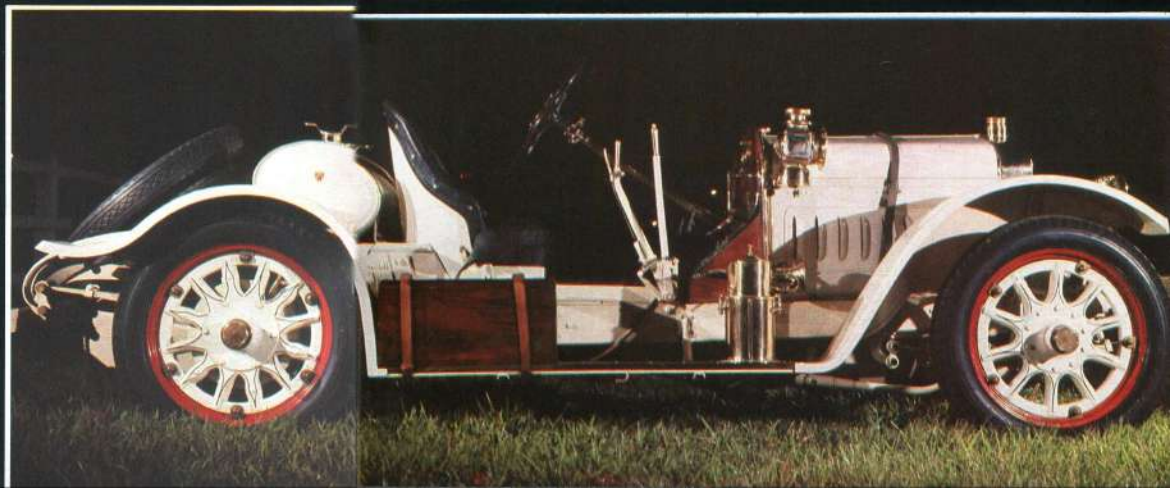


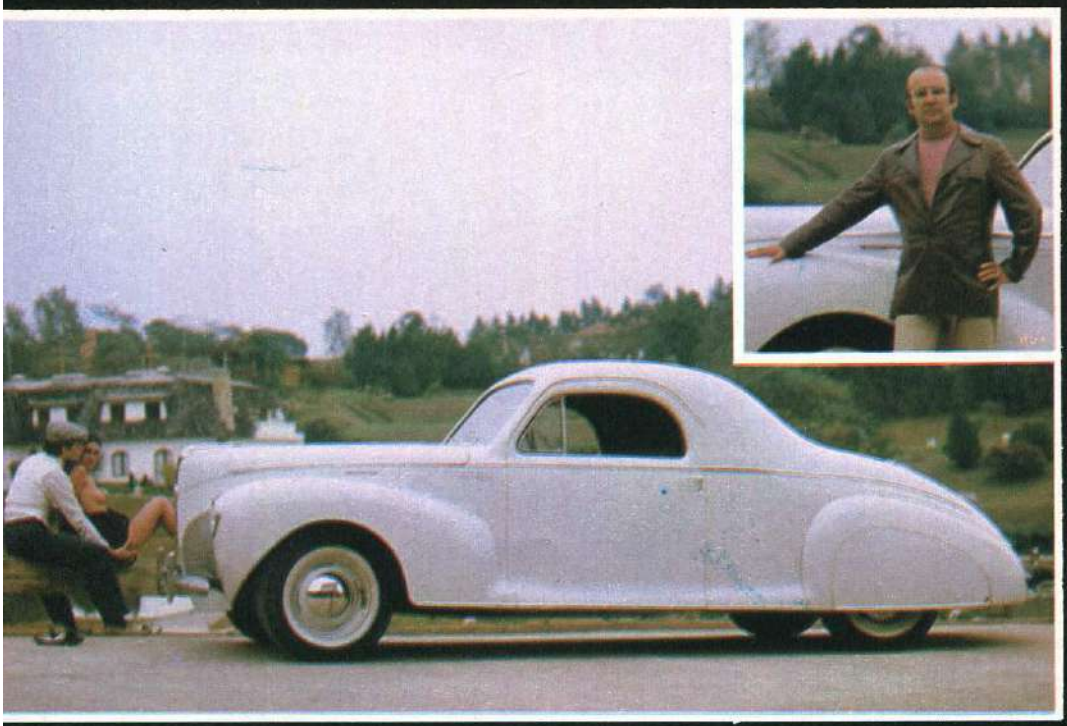
MORRIS Garage era uma empresa onde se fabricavam carros de alto luxo, como as limusines Oxford e os táxis que tinham que acomodar um inglês grandalhão e sua cartola comprida. Cecil Kimber, o gerente da fábrica, queria fazer um carro esporte e não conseguia o consentimento de William Morris, dono da empresa. Daí partiu para as iniciais e usou os elementos mecânicos do Oxford. De lá para cá, os MG ganharam a simpatia dos automobilistas, que chegaram a fundar clubes de proprietários em várias partes do mundo. O da foto é da coleção de Ozires Stenguel, do Paraná.



UMA coleção quase completa: a de Roberto Eduardo Lee, o fundador do Veteran Car Club do Brasil. Aqui, algumas de suas raridades: a Bugatti tipo 30, de 1925 (ao alto), e o Alfa Romeo P3, vermelho, que, num Grand Prix de São Paulo, provocou um acidente grave na Av. Estados Unidos, pilotado por Helé Nice, uma corredora francesa que veio disputar o circuito da Gávea de 1935. E o Spano Suiza Alfonso XIII, um dos raros exemplares de rodas com raios de madeira (fotos maiores). Tudo isto e mais outras peças de grande valor estão no Museu Paulista de Antiguidades Mecânicas, de Caçapava, aberto ao público.







A Cadillac Motors, fundada por um ex-sócio de Henry Ford, Henry M. Leland, em 1903, se uniria à Oldsmobile, à Buick e finalmente à Chevrolet para formar a poderosa General Motors, que a partir dos anos 30 derrubou a Ford da liderança do mercado americano. O conversível azul é da coleção de Bird Clement, também proprietário do Lincoln Zephyr V12 Opera Cupê de 1941, marca lançada pela Ford para competir com os Cadillac em 1920. O Opera Cupê é uma peça rara, que Bird mantém em funcionamento ao lado do Cadillac, e ambos têm até estofamento em casemira original.

A Mercedes Benz — Daimler Benz AG — de Stuttgart, Alemanha, é uma das mais tradicionais indústrias automobilísticas, resultado da união dos pioneiros Karl Benz e Gottlieb Daimler. O nome Mercedes é uma homenagem à filha de Alfred Jellineck, distribuidor da marca na França. O modelo da foto é um conversível de 1937, da coleção de Enzo Nascimento, do Paraná.

LAFER perché si preannuncia un state molto calda *

* Não se assuste, V. não está lendo uma revista italiana. Esta é apenas uma reprodução fiel de um dos anúncios do MP Lafer feitos na Itália pela Koelliker, distribuidora exclusiva naquele país, que já importou 180 carros este ano.

A versão do MP Lafer que aparece na foto é a de exportação, ligeiramente diferente. A versão bem brasileirinha por sorte V. encontra num dos concessionários MP pelo Brasil afora.

Mas é bom V. ir correndo buscar o seu, pois, se o mundo todo começar a namorar o MP como já vem fazendo, não vai sobrar nenhum para nós...

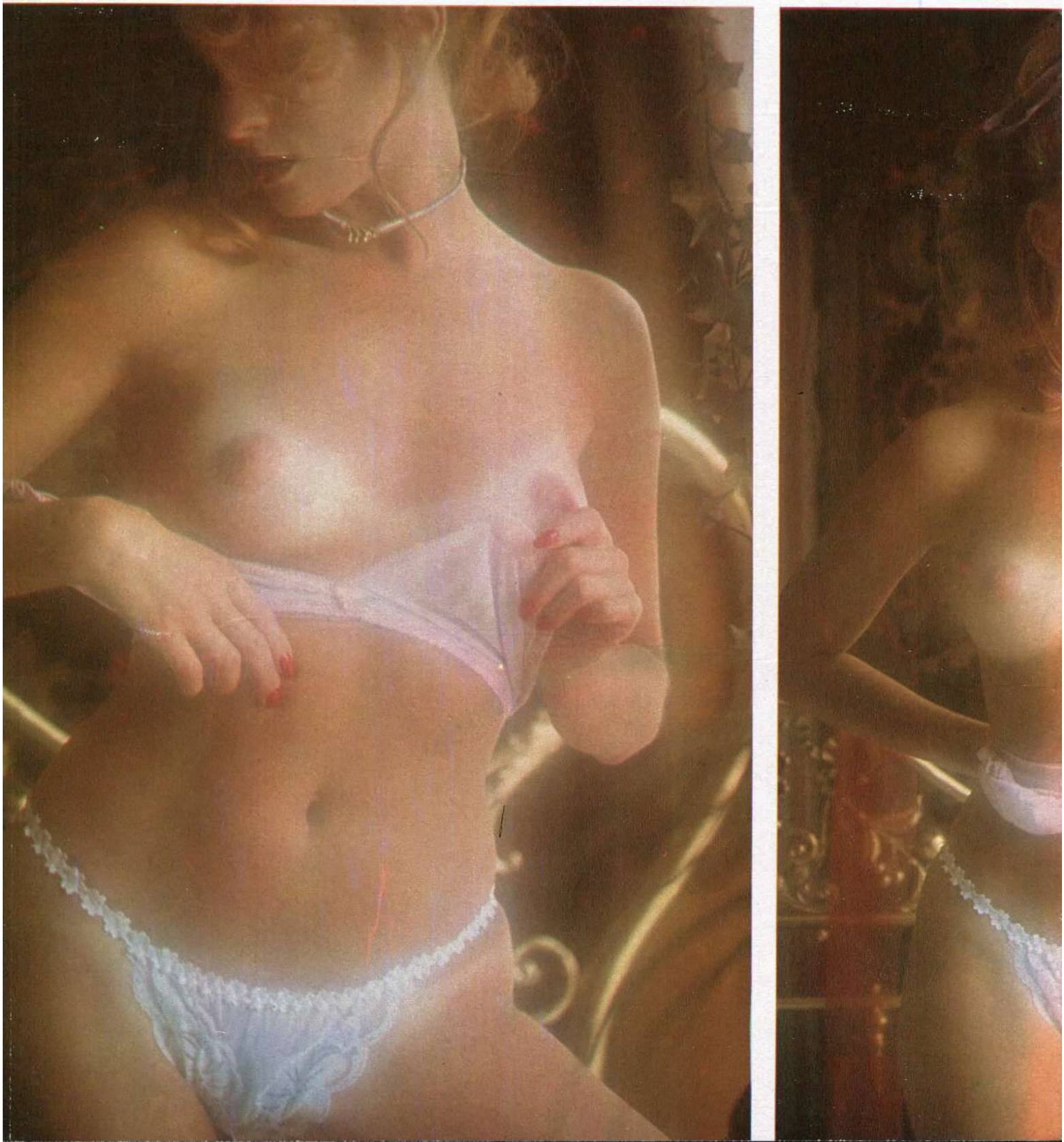
MP Lafer

Divisão Automóveis
R. Garcia Lorca 301
Tel. (011) 457 0022 - R. 243 e 132
S.B. Campo SP.

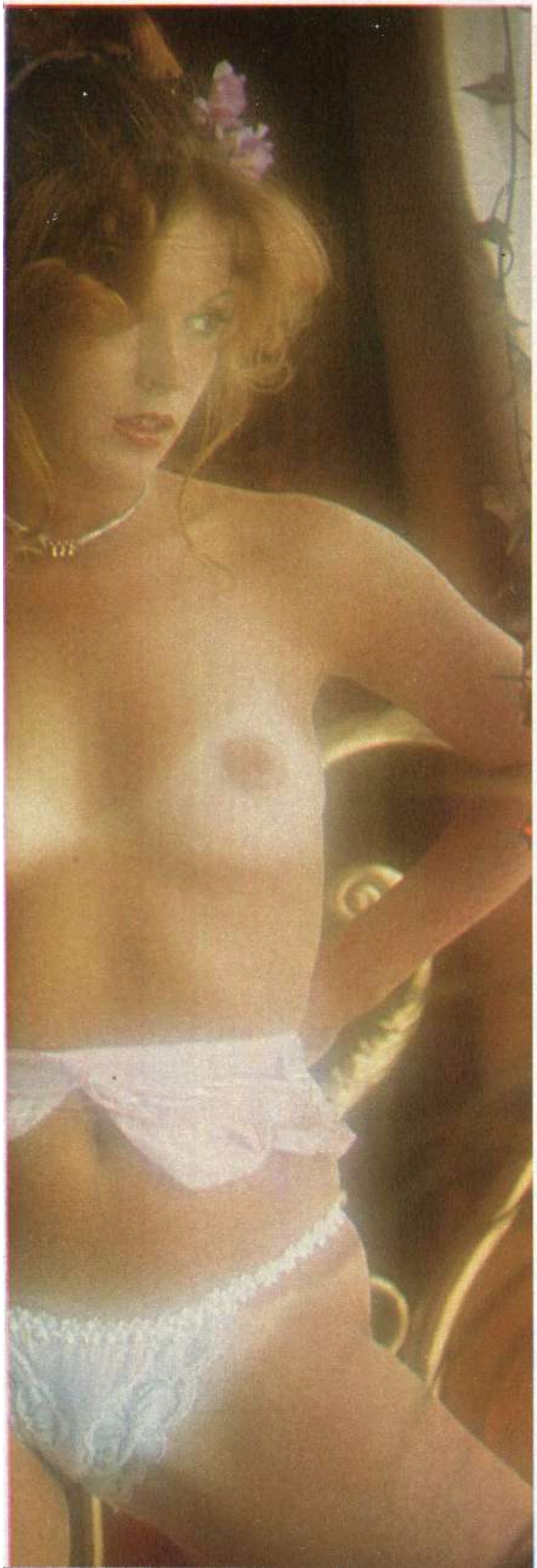
VICKI

Fotos de Bob Guccione

Prazeres raros, vinhos caros.
Vicki cultiva a própria excentricidade nas pequenas coisas. Acredita, por exemplo, que por dentro da suave pele nórdica — ela é finlandesa — corra uma parcela de sangue grego. Entre os homens, o seu ideal se aproxima da perfeição. Perfeição de formas e de conteúdo, com o vigor de Adônis, mas a loucura de Baco.



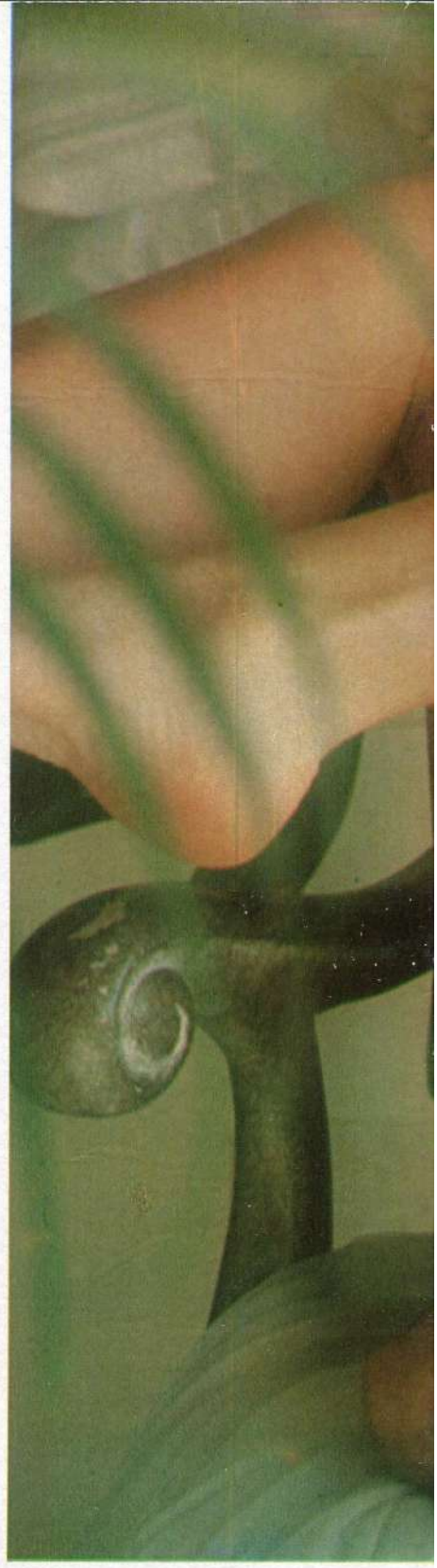
Branca como o mais puro dos mármores, Vicki é atraente como as esculturas da antiga Grécia. Por isso, ela faz questão de utilizar todas as linguagens que nascem em seu corpo. E, com aparente displicência, maneja suas poses (naturais), suas atitudes (espontâneas), seu movimento (insinuante) para atrair e reter — ainda que não deseje — sedentos amores, para sempre fiéis servos e amantes.



Branca como o mais puro dos mármores, Vicki é atraente como as esculturas da antiga Grécia. Por isso, ela faz questão de utilizar todas as linguagens que nascem em seu corpo. E, com aparente displicência, maneja suas poses (naturais), suas atitudes (espontâneas), seu movimento (insinuante) para atrair e reter — ainda que não deseje — sedentos amores, para sempre fiéis servos e amantes.

“Na cama, sou uma rainha exigente com meus súditos”

"Na cama, sou uma rainha exigente com meus súditos"



Nas regiões mais frias, principalmente na Finlândia de longos invernos, o corpo produz, acumula, reserva quantidades crescentes de calor e energia. "Por isto — diz Vicki — as mulheres nórdicas têm sangue quente." Aliando a impetuosidade de Diana — deusa da caça —, à doçura de Afrodite — deusa do amor —, Vicki promete divinas recompensas a quem conseguir torná-la cativa.

Nas regiões mais frias, principalmente na Finlândia de longos invernos, o corpo produz, acumula, reserva quantidades crescentes de calor e energia. "Por isto — diz Vicki — as mulheres nórdicas têm sangue quente." Aliando a impetuosidade de Diana — deusa da caça —, à doçura de Afrodite — deusa do amor —, Vicki promete divinas recompensas a quem conseguir torná-la cativa.

co, um prato à base de angu de fubá e couve rasgada preparado com carne de porco derretida. Diz ele que é tão gostoso que devia ser considerado uma das sete maravilhas do mundo. Mas o Joca é sempre assim, um pouco exagerado. Quando vimos então as sobremesas em bonitas compoteiras, ficamos até arrependidos de ter comido tanto: doces de abóbora, de coco, de mamão verde, de batata-doce, ambrosia. Lá há dignidade até no cafezinho, que lembra quintais, bule esmaltado, coisas bem mineiras.

Um pouco contramão, outro restaurante de primeira linha é o Zur Katz, na Estrada do Vidigal, 471. Está instalado em dois ambientes: interno e varanda, com vista para as praias de Ipanema e do Leblon. O cardápio seleciona os melhores pratos da comida alemã e da cozinha internacional: arenque ao molho de creme de leite, maçã e queijo: *eisbein*, feito de joelho de porco com chucrute, salsicha e batata cozida; *gulash* (carne em cubos cozida em molho de páprica doce e picante). E, para acompanhar, os melhores vinhos alemães: Schwarze-Katz, Liebfraumilch, Krover-nackdarsh.

O Le Chat Noir (Rua Maria Quitéria, 83 — Ipanema) ficou mais conhecido como boate. Mas possui também uma cozinha com 20 pratos variados. As principais sugestões são o filé à moscovita, o escalopinho ao madeira, o camarão à *pomme d'or*, o frango grelhado com creme de milho. E vinhos de marca alemã, chilena, argentina, sem deixar de contar com alguns excelentes nacionais.

No Jardim Botânico também existe um bom restaurante, o Club 21 (Rua Maria Angélica, 21), que muitos conhecem apenas como piano-bar. Mas o salão foi ampliado, passando a contar com uma cozinha que funciona depois das 20 horas. O *maître* Odillon indica como sugestão o camarão *fladiablo*, o linguado *à belle meunière*, o medalhão *à sauce mostarde* e o supremo de frango 21.

As dicas

Às terças-feiras, um bom programa fica por conta da Sala do IBAM, no Humaitá, às 21 horas: dia 26 de agosto, concerto do Sexteto Rio; dia 2 de setembro, recital da pianista Diana Kacso; dia 9, trio Maria Lúcia Valadão (soprano), Maria Lúcia Pinho (piano) e Norton Morozowicz (flauta); dia 16, *duo* de violões: Nicanor Teixeira e Sérgio Pina. *** Às quartas-feiras, o Planetário da Gávea continua com a série bem-sucedida Concerto com as Estrelas, no horário das 21. *** E de quinta a domingo o Cine Show Madureira comanda o espetáculo apresentando Nana Caymmi (de 28 a 31 de agosto), Agepê (de 4 a 7 e de 11 a 14 de setembro) e João Bosco (de 18 a 21 e de 25 a 28 de setembro), sempre às 21 horas. *** Para quem gosta do gênero ou quer curtir algo diferente, atualmente o Rio está com excelentes espetáculos de *gays* e travestis: *Mimosas até Certo Ponto*, às 18 e às 21 horas, no Teatro Serrador (Rua Senador Dantas, 13), dirigido pela veterana Brigitte Blair; *Gay Girls* (19 horas) e *Hollywood Gay* (21 horas) no Teatro Alasca (Avenida Copacabana, 1.241). *** Roberto Azevedo remontou a peça *Liberdade, Liberdade*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, no Teatro Sesc (Rua Barão de Mesquita, 539 — Tijuca). As apresentações são de quarta a domingo, às 21 horas. *** Em matéria de humor, um espetáculo: José Vasconcelos com seu *Pipiu se Faz na Cama*, no Teatro Rival (Rua Álvaro Alvim, 33) às 21 horas. É ver pra rir.

Avisos aos navegantes

1 — O Joca pede desculpas aos leitores e pede para retificar: no número passado ele havia incluído os motéis Playboy e Vip's, ambos do Rio, em sua programação semanal, publicada nesta coluna. No entanto, na primeira semana, ao tentar cumprir o roteiro, verificou que aqueles estabelecimentos já não condizem com a fama que construíram. Os serviços andam péssimos. O apartamento 402 do Playboy, por exemplo, não tem sequer lugar para pendurar a roupa.

2 — No próximo número, além de dar as dicas do Rio e de São Paulo, mostrarei como é a noite em Salvador. O Joca e o Barão de Ipojuca já estão na Bahia, e eu me mando daqui a pouco para lá. □

Música popular

ACABOU O JABÁ! ATÉ QUANDO?

João Luiz de Albuquerque

JÁ se passaram quase quatro meses desde que as sete maiores gravadoras do Brasil — Sigla, Polygram, EMI-Odeon, CBS, RCA, WEA e Ariola — resolveram acabar com o *jabá*. Donas de 88 por cento do mercado de discos e fitas, que faturou em 1979 a quantia de 6 bilhões e 262 milhões de cruzeiros, não precisaram de uma unanimidade para enfraquecer e deixar sem forças a vergonhosa prática do suborno.

Gismonti, um circo irretocável.

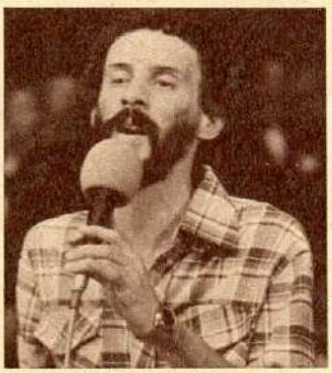
De prático, ficou a certeza de que, agora, o público não está mais sendo enganado. Durante anos os sucessos em muitas rádios e na grande maioria dos musicais de TV eram falsos, e tocava e se apresentava quem pagava mais. As matérias de denúncia publicadas em revistas e jornais não tiveram a menor contestação, nem da parte das gravadoras que instituíram a prática criminosa, nem da parte das rádios, emissoras de TV e dos programadores, disc-jóqueis, apresentadores de televisão ou

pessoal da produção dos musicais. Como primeira conseqüência da prática do *jabá* — denunciada aqui nesta coluna uma porção de vezes —, quatro programadores de um dos maiores sistemas de rádio foram demitidos. Outras demissões virão, todas baseadas nos nomes dos *jabazeiros* que constavam das listas entregues pelas gravadoras na histórica reunião de 27 de maio na casa de João Araújo, presidente da Associação Brasileira de Produtores de Discos. Lamentavelmente, não foram feitas as listas com os nomes do pessoal das gravadoras que davam o *jabá*. Outra conseqüência: instalou-se a paranóia do *jabá* nas rádios e televisões, sendo que uma delas proibiu a entrada dos divulgadores das gravadoras. O quadro ainda não se acomodou, mas dentro de pouco os cantores e compositores de real sucesso terão vez, e principalmente os mais novos terão, finalmente, a sua vez.

Triste é ouvir do pessoal do meio:

— É verdade, o *jabá* acabou. Mas, até quando?...

■ Este mês, os lançamentos de qualidade começam a pintar. Egberto Gismonti sai de *Circense*, um disco alegre como os circos de antigamente. O melhor instrumental do ano, até agora. Os arranjos de Gismonti são primorosos, e a combinação entre os instrumentos mais *nobres*, como os teclados, as cordas das várias violas e do baixo, as palhetas, com a percussão — aquelas coisas africanas que aparecem com destaque nos discos de carnaval ou dos conjuntos de *jazz* ligados neste lance — é magistral. Enquanto o pessoal que toca está perfeito, Egberto conseguiu uma dosagem certa para combinar seus talentos de compositor, arranjador, músico e gênio. Como um equilibrista de primeira, o disco não cai em momento algum. Acompanha o Jornal Caipira número 3. O disco é muito melhor. *** Outro que acertou a mão é o senhor Luiz Gonzaga do Nascimento Jr. Fábrica de sucessos para os outros, ele tem gravado um disco grandioso atrás do outro. *De Volta ao Começo* traz o neto de Januário ainda mais solto. Destaque para *Pontos de Interrogação, Paixão, Grito de Alerta, Mulher e Daí?*, enquanto em *A Cidade Contra o Crime* e *Bié Bié Brazil* o senso da crítica de Gonzaguinha vem carregado de humor cortante.



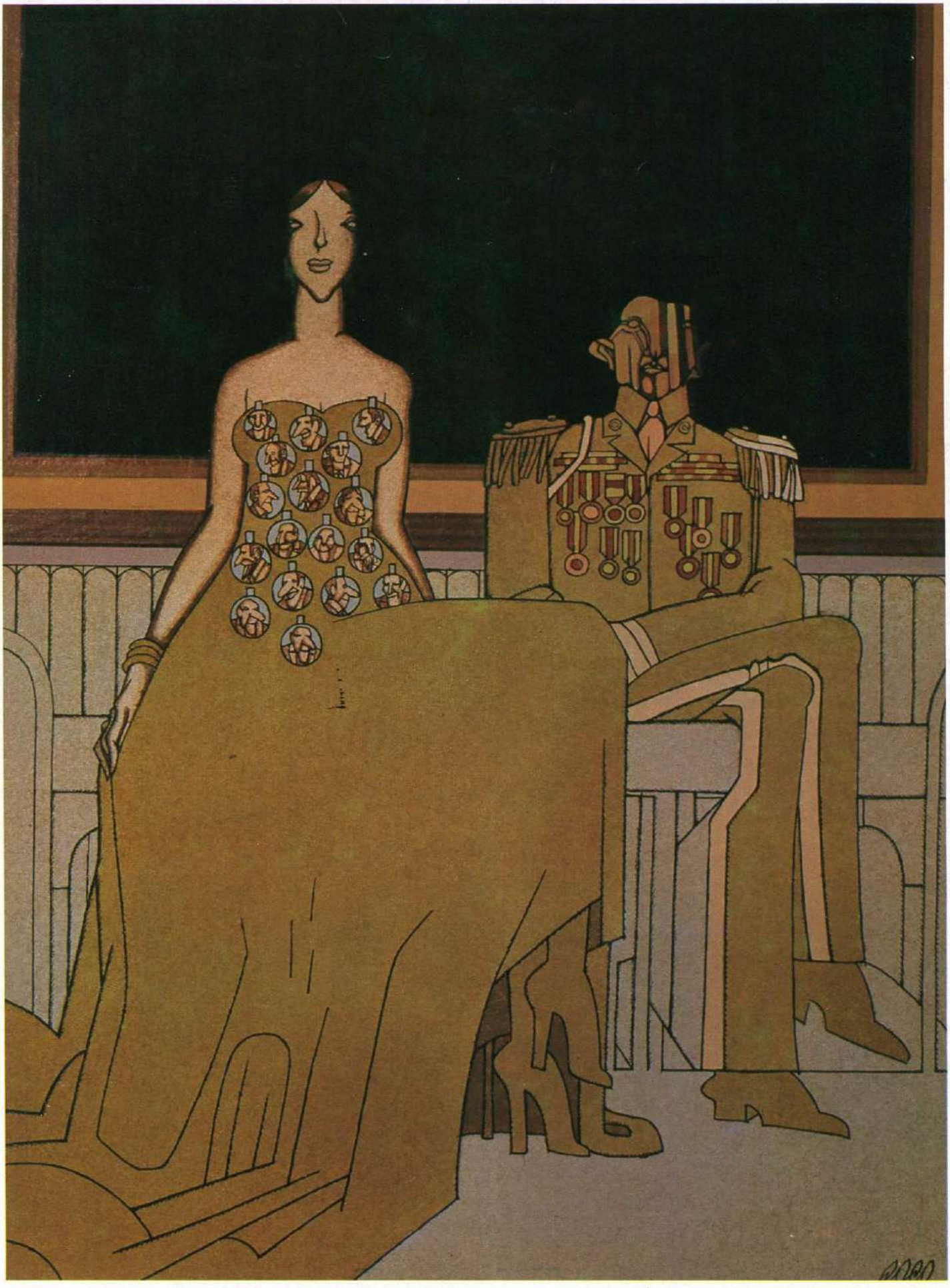
Gonzaguinha e os sucessos da vida.

Da Vida tem a participação do pai, o Gonzagão, e As Frenéticas, Mílton Nascimento, Marília Medalha e o MPB-4 completam a lista dos convidados. *** *Mudança dos Ventos* é o disco da mais sensível cantora romântica do Brasil, Nana Caymmi. *Meu Bem Querer* tem o apoio da Boca Livre e parece que foi escrita, por Djavan, especialmente para ela cantar. *** Luiz Melodia fez um disco bom, *Nós. Segredo* é o melhor Melodia, *Negro Gato* é maneiro como o próprio, e em *Ilha de Cuba* aparece todo o ritmo que ele tem e é capaz de dar às músicas que canta. Mas Luiz Melodia está, hoje, naquela que Ivan Lins e Gonzaguinha já passaram: uma inconstância sempre presente nos seus discos, hoje ótimo, amanhã, nem tanto. *** Maurício Quadrio devia receber algum tipo de homenagem de quem gosta de *jazz*. Seu departamento na EMI-Odeon, depois de lançar duas coleções da maior importância, a *Capitol Jazz Classics* com 30 discos e *Jazzollogy*, com 16, apareceu agora com 12 álbuns duplos da série *Blue Note Jazz Classics Twins*. Uma geral na história do *jazz* porque começa com Sidney Bechet e George Lewis, representantes do gostosíssimo estilo New Orleans, nem sempre ao alcance do mercado brasileiro. Depois parte para o período mais recente e apresenta, num turbilhão de *jazz* da melhor qualidade, Donald Byrd, J.J. Johnson, Bud Powell — um dos mais ensandecidos pianistas do mundo —, Thelonius Monk, John Coltrane, Eric Dolphy, Herbie Hancock, Wes Montgomery, Sonny Rollins, Fredie Hubbard e Art Blakey & Jazz Messengers,

Nana, romântica e pouco compreendida.

cada um destes discos recheados de *sidemen* da melhor qualidade. A Blue Note esteve para o *jazz* de ontem como a ECM está para o *jazz* de hoje, e, coincidência ou não, os fundadores das duas fábricas de bom *jazz* nasceram na Alemanha.*** Parabéns, também, para a pequena Top Tape, que continua a lançar o melhor *jazz*. Como *Monk*, com o próprio, e *Louis Armstrong and King Oliver*. Chance de ouvir em mono, mas com todas as filtragens de ruídos não musicais, o clássico King Oliver's Creole Jazz Band, onde Satchmo tocava *cornet*, além de duas faixas históricas de Jelly Roll Morton no piano e King Oliver no *cornet*, o Red Onion Jazz Babies, além de Sidney Bechet e Alberta Hunter, cantando com o nome de Josephine Beatty. Gravações dos anos 20.*** E, para glorificar esta série de lançamentos de *jazz*, feitas no mês de realização do I Rio Jazz Monterrey Festival — festival híbrido com *jazz*, Pepeu & Baby e até a bateria de Padre Miguel —, um precioso e raríssimo *Nat King Cole from the Very Begining*, um duplo com o King Cole Trio e o sexteto do irmão de Nat, Eddie Cole's Solid Swingers.*** Finalmente, para encerrar um mês de grandes lançamentos, na praça o *Show 1.º de Maio*, reunindo Alceu Valença, Boca Livre, Dorival Caymmi, Frenéticas, João do Vale, Mílton Nascimento, Moraes Moreira, Sérgio Ricardo e o coro de mais de 30 mil pessoas na platéia cantando o *Pra não Dizer que não Falei de Flores*, também conhecida como *Caminhando*, de Geraldo Vandré. Dois infelizmentes: o primeiro, a ausência dos nomes dos técnicos que conseguiram gravar o espetáculo, ao vivo, com alta qualidade. O segundo: a negativa das outras gravadoras — a WEA foi a única a dar OK — em ceder seus artistas que participaram da festa para este disco da Ariola. Ciúmes e represálias, no fundo, pura tolice. □

COCO



American Gigolo

OS GIGOLÔS ESTÃO NA MODA

Texto: Thaïs de Mendonça — Produção: Fred Ayres — Fotos: João Filgueiras

Fotos realizadas no Restaurante Pré-Catelan do Rio Palace Hotel

O herói da década possui a natural e discreta elegância do europeu e a esportiva simplicidade do americano. Estes são os dois pontos básicos do novo *look* criado pelo costureiro milanês Giorgio Armani para o filme *Gigolô Americano*, que revolucionou a moda e inaugurou um estilo definitivo para o Homem-80: ombros bem definidos, cintura reta, formas limpas, *arquitetônicas* no vestir. Estilo, porém, não-rígido, o que dá margem a uma interpretação à brasileira.

Acima: terno de tela, camisa de algodão e gravata de seda, Guy Laroche.
Dir.: jaquetão Ted Lapidus, camisa de algodão, gravata em crochê e sapatos Christian Dior, da Casa Tavares. Ela veste roupas Lelé da Cuca e usa acessórios Bijou-Box.

ADEUS à confusão de influências que ganhou terreno na moda dos dois últimos anos. Adeus às roupas coloridas e soltas. O *new look* indica os tecidos naturais — o algodão, a seda para um modo de vida sério, embora descontraído, e cheio de charme. Ele se sente bem tanto na ousada combinação do *blazer* branco com calça marrom, como no discreto cinza, expressão de neutralidade.

Esq.: terno em gabardina Saint-Laurent, camisa Lothar, gravata Guy Laroche, cinto e sapatos Ted Lapidus, da Casa Tavares. Lelé da Cuca assina o vestido em seda pura, com sandálias Charles Jourdan e acessórios Mic-Mac. Acima: blazer e *calça Vila Romana, camisa e cinto Di Petrus, sapato Bee.*

SWEET & sexy. Assim se define este homem, que tem em Richard Gere — no papel de Julien Kay, o *American Gigolo* — a sua exata imagem. Só que Gere na vida real namora uma brasileira, mora no Greenwich Village e evita os lugares muito badalados. Depois de aparecer como capa em todas as revistas americanas — tornando-se um astro nas telas e inspirando todo um gênero de vida —, aos 30 anos, Richard Gere (ao alto, dir. numa cena do filme) é considerado um símbolo sexual.

Acima: terno em xantungue e gravata em crochê Ted Lapidus, camisa em seda Lanvin e sapatos Dior, da Casa Tavares; saia-envelope linho da Lelé da Cuca, bijuterias Mic-Mac. Dir.: blazer *e calça em malha Chelmi, gravata Ted Lapidus; macacão em jérsei e sapatos Lelé da Cuca.*

Janine

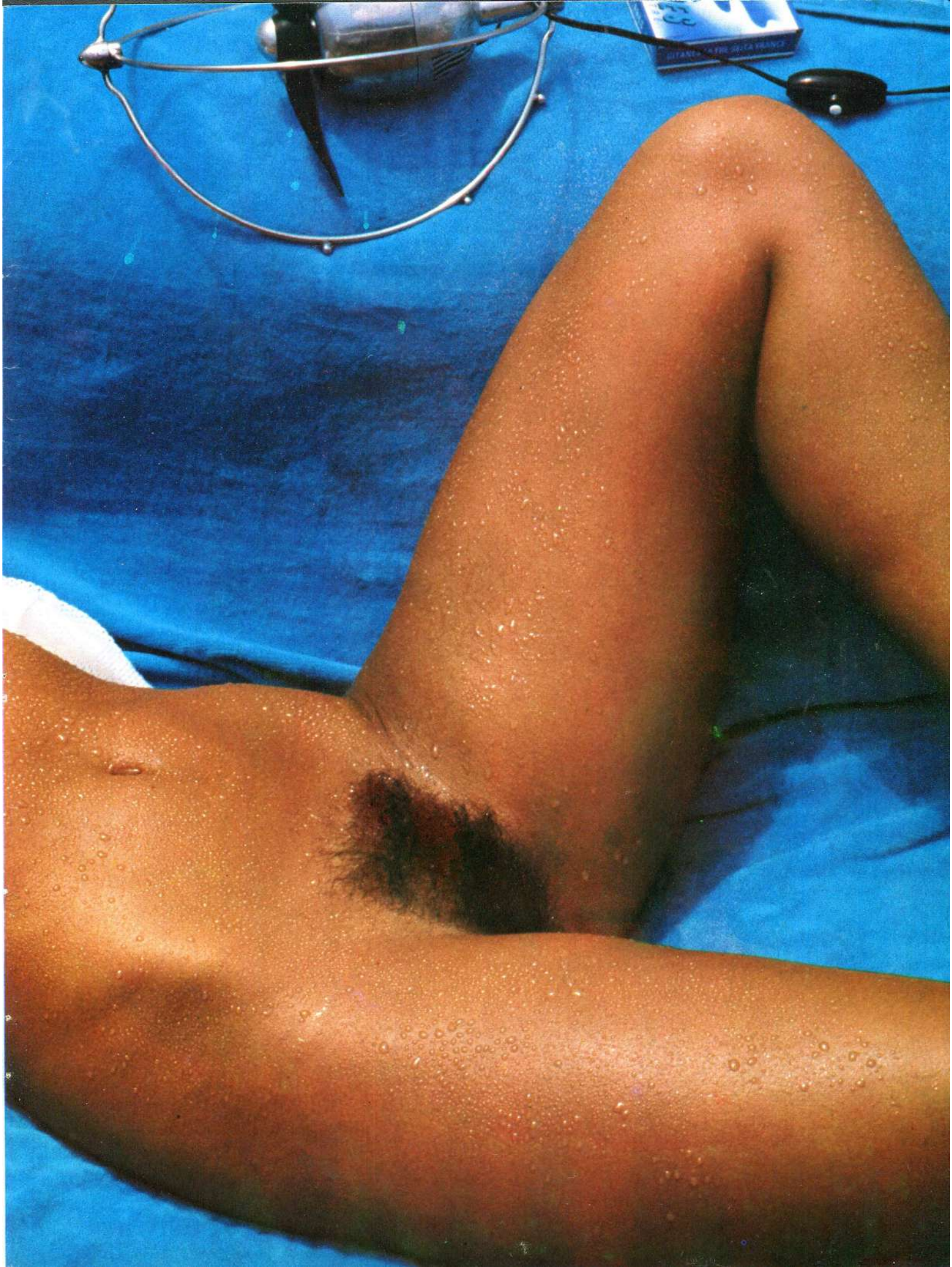
Fotos de Franco Marocco

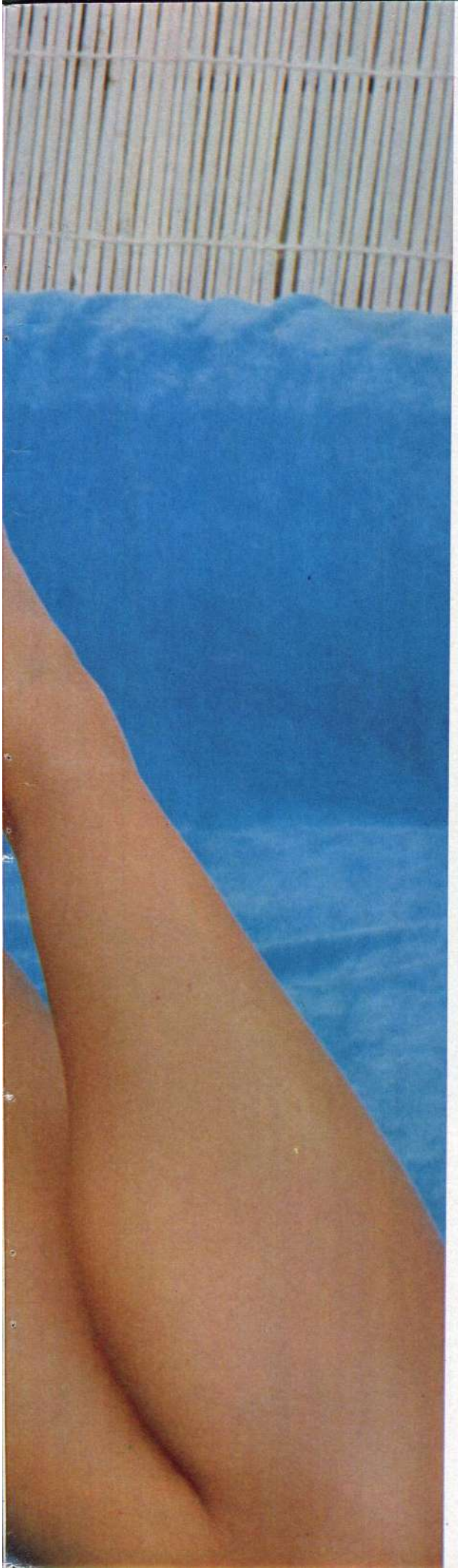
Poucas coisas da vida são tão adoráveis para Janine como ficar a sós com ela mesma nos dias de verão. Enquanto deseja uma *over-dose* de champanhe gelado, esta insinuante italiana da Calábria contempla-se e acaricia-se com vagar, explorando cada região de seu corpo com volúpia e prazer. Pois, como ela sempre faz questão de dizer, "eu sou o centro do mundo"

Janine

Fotos de Franco Marocco

Poucas coisas da vida são tão adoráveis para Janine como ficar a sós com ela mesma nos dias de verão. Enquanto deseja uma *over-dose* de champanhe gelado, esta insinuante italiana da Calábria contempla-se e acaricia-se com vagar, explorando cada região de seu corpo com volúpia e prazer. Pois, como ela sempre faz questão de dizer, "eu sou o centro do mundo"





Professora de uma pequena escola em sua terra natal, Janine, além do intenso prazer que extrai ao longo de solitárias tardes, também sente-se gratificada quando um homem ocasional a convida para dançar. "Amo sentir meu corpo colado ao de um belo animal, movendo-se lentamente, excitando-me ao ponto de eu permitir que ele me desvende por inteiro."

Professora de uma pequena escola em sua terra natal, Janine, além do intenso prazer que extrai ao longo de solitárias tardes, também sente-se gratificada quando um homem ocasional a convida para dançar. "Amo sentir meu corpo colado ao de um belo animal, movendo-se lentamente, excitando-me ao ponto de eu permitir que ele me desvende por inteiro."

POUCAS & BOAS

O cartum de Coco

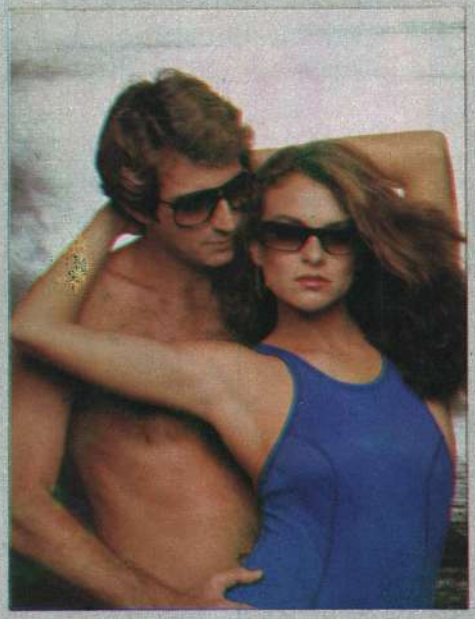
Siciliano de 43 anos, Giuseppe Coco se considera "um filho da arte". Na verdade, seu pai foi decorador e restaurador de obras religiosas nas igrejas italianas, e ele se acostumou a conviver, desde pequeno, com pincéis e tintas. Com 12 anos, enviou seu primeiro trabalho a um jornal, conseguiu publicá-lo, e já aos 15 era menino-prodígio. Hoje, Coco se afirma em todo o mundo por sua sátira erótica e política. E seu traço preciso — que faz rir com inteligência — ilustra a partir deste número as páginas de ELE ELA, com exclusividade para o Brasil.

Amor pelo Brasil

George Duke, presença do Rio Jazz Monterey Festival junto a nomes famosos na música contemporânea — John MacLaughin, Stanley Clarke, Weather Report —, tem no mercado nacional dois discos: o primeiro, o álbum *Brazilian Love Affair*, conta com a participação de músicos brasileiros do time de Milton Nascimento, Toninho Horta, Simone e Flora Purim; o segundo — recém-lançado pela CBS — chama-se *Follow the Rainbow* e mantém o estilo do ex-companheiro de Jean-Luc Ponty no conjunto Mothers of Invention, o multitecladista George Duke.

Charme nos olhos

Um modelo clássico em versão esportiva — confeccionado com material fosco —, para os homens. Linhas horizontais e hastes largas, para as mulheres. Este é o novo visual da coleção Verão 81 da Di Paolo, que confere aos rostos brasileiros o ar de moderna sofisticação que os europeus já conhecem.



Arlindo e seus desenhos

Arlindo Daibert Amaral apresentou primeiro suas ilustrações para o clássico de Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*. Depois, trouxe uma seqüência de desenhos com o tema *O Circo*. Conquistou nossa redação pelo traço claro, a linguagem direta, a sensualidade tão marcante que chega a chocar — por um excesso de realismo — o desavisado espectador. E assim se fez colaborador de ELE ELA. Lápis preto e de cor como materiais essenciais — nanquim só para textos explicativos que costumam acompanhar as peças —, este juiz-forano de 28 anos formado em Letras foi muitas vezes premiado, estudou em Paris e, após uma bem-sucedida exposição no Rio de Janeiro, se prepara para inaugurar uma individual em Roma, com o título já definido: *Retrato do Artista*.

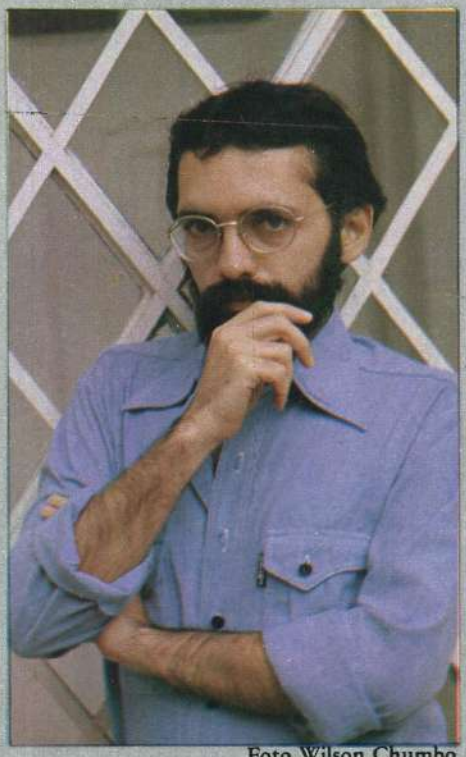


Foto Wilson Chumbo

ELE ELA — DPF/DCDP-241.P.209/73 — DIRETOR EDITORIAL: Justino Martins. DIRETOR EXECUTIVO: Lincoln Martins. DIRETOR RESPONSÁVEL: Murilo Melo Filho. REDAÇÃO: Léo Borges Ramos. DIRETOR DE ARTE: Licínio de Melo. DIAGRAMAÇÃO: Sinval Oliveira Silva. FOTOGRAFIA: Gervásio Baptista, Isabel Garcia e Indalécio Wanderley. PRODUÇÃO: Lourival Bernardo. SERVIÇOS EDITORIAIS: Célio Lyra. DEPARTAMENTO COMERCIAL: Expedito Grossi. PUBLICIDADE: David Klajmic e Roberto Antunes. RIO DE JANEIRO: Osmar Gonçalves e Paulo César Lo Bianco. ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO: Rua do Russell, 804, Tel.: 265-2012, Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro. CIRCULAÇÃO: Francisco Távora Heitmann. PARQUE INDUSTRIAL: Rua Cordovil, 520 — Lucas — Tel.: 391-6000 — Rio de Janeiro — Telex: (021) 22751. DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora Imprensa Ltda. — Rua do Resende, 100 — Tel.: 244-3177 — Rio de Janeiro. BRASÍLIA: Flávio Cavalcânti Jr. — Setor de Indústrias Gráficas, Quadra 1, Lote 939 — Tel.: 223-5410 — Telex: (061) 1058. SÃO PAULO: Diretores: Pedro Jack Kapeller e Salomão Schvartzman. Comercial: Paulo Poucinha. Administração: Arnaldo Vitulli. Publicidade: Roberto Moreira Lima/Luiz Antonio Carneiro. CASA DA MANCHETE: Av. Europa, 21 — Tel.: 282-3122. Telex: (011) 32763 BLOC BR. MINAS GERAIS: Lúcio Portella — Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar — Tels.: 226-6677 e 226-6554 — Belo Horizonte — Telex: (031) 1058. RIO GRANDE DO SUL: Edgard Wallau Júnior — Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar — Tels.: 24-4744 e 25-4972 — Porto Alegre — Telex: (051) 1042. NORTE/NORDESTE: Fernando Câmara Cascudo — Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º and. — Tels.: 224-0585 e 224-0454 — Recife — Telex: (081) 1084. BAHIA: Natan Reis — Av. Antônio Carlos Magalhães s/n.º — Centro Empresarial Iguatemi — Módulos 202 e 203 — 2.º pav. — Bloco A — Tels.: 224-3489 e 224-3581 — Salvador. PARÁ: Isaac Soares — Rua Campos Sales, 268, conj. 901 — Tel.: 22-6845 — Belém. PARANÁ: José Schlapak — Rua Mar. Deodoro, 211, 8.º andar, conj. 806 — Tel.: 24-8263 — Curitiba — Telex: (041) 5202. NOVA IORQUE: Sérgio Alberto da Cunha — 488 Madison Avenue — 5th floor — New York — NY 10.022 — Tel.: (212) 246-8870 — Telex: (23) 224440 BLOCH UR. PARIS: Sylvio Amaro da Silveira — 4, Place de La Concorde — Paris, 8ème, França — Tels.: 742-6174 e 742-6749 — Telex: (42) 280240. MILÃO: Daisy Benvenutti — Via del Bollo, 3 — Milano, 20121 — Itália — Tel.: 87-4007. TÓQUIO: Angel Esteves Dominguez — 1-10-11 - Higashigotanda — Shinagawa-Ku — Japão — Tels.: 445-4375 e 445-4383 — Telex: (72) 287336.

Ninguém está autorizado a vender assinaturas desta revista. Os interessados em subscrições devem dirigir-se ao nosso Departamento de Assinaturas, na Rua Frei Caneca, 511 — CEP 20.214 — Rio de Janeiro, RJ, enviando um cheque nominal a Bloch Editores S.A. no valor de Cr$ 1.270,00, o que lhes garantirá uma assinatura anual de ELE ELA.

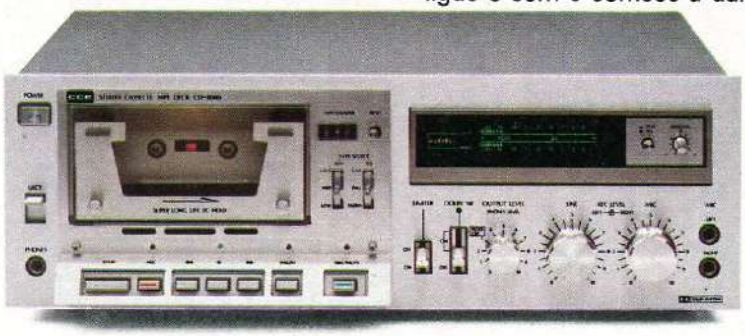
Auditoria da Circulação
Price Waterhouse

Tiragem desta edição: 420.000 exemplares

Pra você que está de bem com a vida.

Produzido na Zona Franca de Manaus

Uma praia bem pequena que você mesmo descobriu,
o final daquela festa de sexta em que tudo deu certo,
a mágica de se sentir simplesmente bem.
Sua coerência, seu espaço, sua vida vivida com regras que você criou.
Sintetizando: liberdade.
Liberdade que faz com que a gente fique de bem com a vida,
ligue o som e comece a dançar...



CD-8080 Stereo Cassette Deck Frontal
Chave Seletora de Fitas (polarização e equalização): CrO_2 FeCr Normal, Dolby NR, filtro MPX, cabeça Sendust Core, Record Mute, medidores de nível, Fluorescent Peak VU Meter, sistema de ejeção de fitas por amortecimento hidráulico, reguladores Line Rec e Mic Rec.

cce
Equipamentos de Som

CHARM

O importante é ter Charm.

Qualidade Souza Cruz